



**Universidade Federal de Pelotas
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física**

DISSERTAÇÃO

Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano

Mariana da Silva Brum

**Pelotas, RS
2023**

Mariana da Silva Brum

Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Escola Superior de Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Coorientação: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Pelotas, RS
2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B893p Brum, Mariana da Silva

Possibilidade de carreira : migração de futebolistas
brasileiras para o futsal italiano / Mariana da Silva Brum ;
Luiz Carlos Rigo, orientador ; Silvana Vilodre Goellner,
coorientadora. — Pelotas, 2023.

76 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Educação Física, Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Futsal feminino. 2. Profissionalização. 3. Migração. 4.
Itália. I. Rigo, Luiz Carlos, orient. II. Goellner, Silvana
Vilodre, coorient. III. Título.

CDD : 796

Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Educação Física, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Escola Superior de Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 27 de setembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial
Doutora em Sociologia e Antropologia pela Université Paris Descartes, Paris

Prof. Dr. Jaison José Bassani
Doutor em Educação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth (Suplente)
Doutor em Epidemiologia na Universidade Federal de Pelotas

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Márcia e Vanderlei, pelo incentivo e suporte durante meu percurso acadêmico.

Aos meus avós, Santa e Benjamim, pelas oportunidades que me foram concedidas.

A minha companheira, Júlia, por todo apoio incondicional e pela luta diária.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, por toda a dedicação e carinho nesta trajetória acadêmica e por todo o suporte teórico e amizade.

A minha coorientadora, Profa. Dra. Silvana Goellner, que prontamente concordou em nos dar assistência no processo e desenvolvimento deste trabalho.

As futebolistas entrevistadas, que gentilmente nos cederam um tempo de suas vidas e nos ajudaram a construir esta dissertação.

E a minha sogra, Mirtes (*in memoriam*), por todo o carinho e amor que dividimos nestes últimos anos.

BRUM, M.S. POSSIBILIDADE DE CARREIRA: MIGRAÇÃO DE FUTEBOLISTAS BRASILEIRAS PARA O FUTSAL ITALIANO. Dissertação de Mestrado (Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

RESUMO:

A falta de profissionalização e reconhecimento adequado das futebolistas brasileiras intensificou o processo de imigração dessas atletas. Nesse cenário, a Itália tem emergido como um dos destinos que mais têm recebido futebolistas que almejam construir uma carreira no futsal. Desse modo, este estudo objetivou problematizar o processo de migração, a profissionalização e as possibilidades para a construção de carreiras de futebolistas brasileiras que migraram para o futsal italiano. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, e o corpus empírico da pesquisa foi constituído pela realização de "entrevistas compreensivas" com cinco futebolistas ítalo-brasileiras que atuaram na Serie A do futsal feminino italiano. O estudo mapeou que desde 2007 há uma presença elevada de futebolistas brasileiras em quase todas as equipes da Serie A do futsal feminino italiano. Constatou-se também que, apesar de o futsal italiano oferecer uma recompensa financeira maior e algumas condições trabalhistas melhores do que o futsal brasileiro, ele também apresenta uma série de contradições e uma perspectiva de profissionalização bastante incipiente. Assim, as futebolistas que migram para lá convivem com uma série de adversidades que as impedem de construir uma carreira que garanta estabilidade profissional.

Palavras-chave: Futsal Feminino, Profissionalização, Migração, Itália

BRUM, Mariana da Silva. **Career Possibilities: Migration of brazilian female footballers to italian futsal**. Dissertation (Masters in Physical Education) - Postgraduate Program in Physical Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

ABSTRACT

The migration process for Brazilian female footballers is intensified by the lack of professional recognition in Brazil. In this scenario, Italy has emerged as one destination that has received footballers who want to build a career in futsal. This study aimed to discuss the migration process, professionalization, and possibilities of building the careers of Brazilian female footballers who have migrated to Italian futsal. The study is characterized as qualitative research, and the empirical corpus of the research consisted of “comprehensive interviews” with five Italian-Brazilian female footballers who played in Serie A of Italian women's futsal. The study found that since 2007, there has been a high presence of female Brazilian footballers in most teams of the Serie A in Italian women's futsal. It was also found that, although Italian futsal offers greater financial rewards and some better labour conditions than Brazilian futsal, it also presents a series of contradictions and a fairly incipient prospect of professionalization. As a result, female footballers who migrate to Italy face a series of adversities that prevent them from building a career that guarantees professional stability.

KEYWORDS: Woman's futsal, Professionalization, Migration, Italy

Lista de Figuras

Figura 1 Mapeamento da circulação de futebolistas brasileiras de futsal	37
Figura 2 Jogadoras ítalo-brasileiras na seleção italiana.....	38
Figura 3 Brasileiras que atuam na Serie A italiana.....	38

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Campeãs italianas de 1992 a 2010	29
Tabela 2- Equipes que mais participaram da Serie A.	33
Tabela 3 - Campeões da Serie A desde o início da disputa nacional	33
Tabela 4 Futebolistas brasileiras na temporada 2016-2017.....	34
Tabela 5 Futebolistas brasileiras na temporada 2017-2018.....	34
Tabela 6 Futebolistas brasileiras na temporada de 2018-2019.....	35
Tabela 7 Futebolistas brasileiras na temporada de 2019-2020.....	35
Tabela 8Futebolistas brasileiras na temporada 2020-2021.....	35
Tabela 9 Futebolistas brasileiras na temporada 2021-2022.....	36

Sumário

1. Introdução/Justificativa	14
2. Objetivos	17
2.1 Objetivo Geral	17
2.2 Objetivos específicos	17
3. Metodologia	17
4. Considerações Teóricas	19
4.1 Futebol e futsal femininos no Brasil: condições e possibilidades	19
4.2 Persistência e resistência do futsal feminino brasileiro: algumas agremiações emblemáticas	23
4.3 Migração e futebol globalizado	26
4.4 Futebol e futsal femininos na Itália	28
4.5 As futebolistas brasileiras na Itália	33
Cronograma.....	39
Referências	40
ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	46
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	47
RELATÓRIO DE CAMPO	48
Artigo a ser submetido a Revista Movimento	50
1 Introdução	52
2 Considerações metodológicas	54
2 Caminhos transnacionais: a trajetória de futebolistas brasileiras no futsal feminino italiano	57
3 A profissionalização do futsal de mulheres italiano: avanços e contradições ...	65
4 Considerações finais	69
Referências	72



**Universidade Federal de Pelotas
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em
Educação Física
Mestrado em Educação Física**

Qualificação de Mestrado

**Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o
futsal italiano**

Mariana da Silva Brum

Pelotas, 2022

Mariana da Silva Brum

Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2022

Mariana da Silva Brum

Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano

Projeto apresentado, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Qualificação: 25 de novembro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Carmen Rial

Doutora em Sociologia e Antropologia pela Université Paris Descartes, Paris

Prof. Dr. Jaison José Bassani

Doutor em Educação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Priscila Lopes Cardozo (Suplente)

Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas

1. Introdução/Justificativa

Oriundo do futebol de salão¹, o futsal é um dos esportes mais praticados no Brasil. Atualmente é uma modalidade distinta do futebol de salão e suas regras foram adaptadas pela *Federation Internationale de Football Association* (FIFA) em 1989. A partir desse acontecimento, progressivamente o futsal aumenta sua popularidade no mundo (VICARI, 2015).

Apesar da diversidade alcançada atualmente pelo futsal com o decorrer de sua história, houveram períodos em que futebol e futsal eram modalidades esportivas indicadas e permitidas apenas para homens. No Brasil, especificamente em 1941, por meio do Decreto-Lei nº 3.199, o governo de Getúlio Vargas estabeleceu que, junto com outras modalidades esportivas, o futebol e o futebol de salão eram esportes proibidos para mulheres, pois eram considerados inapropriados para o corpo da mulher, que deveria estar voltado principalmente para os afazeres domésticos no duplo estatuto mãe/esposa (GOELLNER, 2005; RIGO *et al.* 2008; ALMEIDA, 2018).

Esse acontecimento influenciou diretamente no acesso das mulheres às práticas do futebol e do futsal, Silva e Nazário (2018) e Mourão *et al.* (2019) salientam que ainda é comum que mulheres atletas, principalmente as de futebol e futsal, tenham que se reafirmar, visto que são constantemente postas sob desconfiança diante de um estereótipo de feminilidade que cobra padrões de beleza, vestimenta e vaidade socialmente impostos.

Após essa interdição governamental, a prática desses esportes só foi liberada para as mulheres em 13 de abril de 1979 pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), ou seja, cerca de 40 anos depois de sua criação.

Na década de 1980 são criados os primeiros campeonatos oficiais de Futebol Feminino no Brasil. Essas competições seriam a Taça do Brasil (a nível nacional) e os campeonatos estaduais, porém, faltava um calendário de competições

¹ Há duas versões predominantes sobre o surgimento do futebol de salão uma que assinala que ele foi criado por volta de 1930 na Associação Cristã de Moços (ACM) na cidade de Montevideo no Uruguai, e outra que o seu surgimento deu-se no Brasil em São Paulo/SP nos anos de 1940, junto a Associação Cristã de Moços (ACM), decorrente do processo de diminuição dos campos de futebol que ocorria naquela época (MEDEIROS, 2019). Atualmente o futebol de salão continua sendo praticado e está vinculado Asociacion Mundial de Futsal (AMF).

organizado que pudesse valorizar o futebol praticado por mulheres, já que não havia uma data exata para nenhum desses eventos acontecerem.

Mesmo que pouco divulgados pela mídia, esses campeonatos existiram e foram essenciais para a expansão do futebol e do futsal femininos em território nacional. Tratando-se do futebol de campo, nos anos 90 aconteceu a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, sediada na China. Nesse mesmo ano a CONMEBOL (Confederação Sul-americana de Futebol) criou a Copa América de Futebol Feminino, que seria sediada pela primeira vez no Brasil (ALMEIDA; PISANI, 2015).

Já no século XXI, no ano de 2016, a FIFA edita o artigo 23, referente a diferentes princípios, como pautas raciais e de igualdade de gênero, e à maneira como deveriam ser formulados os Estatutos das Confederações. Essas colocações resultaram em ações de promoção do futebol feminino em diferentes partes do mundo, fortalecendo o movimento das futebolistas (ALMEIDA, 2019).

No início de 2017 a CONMEBOL anunciou novas normas que passariam a valer a partir de 2019 aos clubes participantes da Copa Libertadores e Sul-Americana, dentre elas estão que todos os integrantes das competições deveriam manter uma equipe de Futebol Feminino adulta e de base, atuantes em pelo menos uma competição nacional oficial, promovendo suporte técnico e infraestrutura adequada para a disputa (ALMEIDA, 2019).

A partir das exigências estabelecidas pela FIFA e pela CONMEBOL, algumas empresas que aplicavam dinheiro nas equipes masculinas passaram a patrocinar também as mulheres. Contudo, apesar desses avanços, ainda não existem grandes empresas ou marcas que invistam em clubes exclusivamente de mulheres (ALMEIDA, 2019).

Embora atualmente o futebol e o futsal sejam um meio de sustento predominantemente dos homens, pode-se perceber um crescente volume de novas futebolistas mulheres no Brasil, mesmo que o futebol feminino (futebol e futsal) ainda seja predominantemente um esporte amador (SOUZA JÚNIOR, 2013). Desse modo, as atletas são obrigadas a conciliar treinos diários com estudos e trabalho, pois é quase utópico viver somente da carreira de futebolista (PISANI, 2014).

Rubio e Veloso (2019) salientam que, a partir do momento em que o esporte também é visto como uma profissão para as mulheres, é gerada uma autonomia que distancia a discriminação, reforça os direitos e cria uma imagem de empoderamento feminino.

Com a pouca valorização do futebol e do futsal femininos no Brasil, muitas atletas buscam formar e consolidar sua carreira esportiva – termo utilizado para compreender o exercício de uma atividade esportiva durante anos, escolhida de forma voluntária e destinada ao alto desempenho atlético – fora do país (STAMBULOVA, 2009).

A carreira esportiva segue algumas fases, como a de iniciação esportiva, a de desenvolvimento/especialização, a de investimento, a final ou de manutenção e a de encerramento do envolvimento competitivo. Dependendo dos níveis e das competições que o atleta alcança, pode ser considerado de carreira local, regional, nacional ou internacional e, dependendo de sua condição, profissional ou amadora (STAMBULOVA, 2009).

Não há dados oficiais a respeito do futsal de mulheres e suas transferências para o exterior. Muitas atletas migram do Brasil e de outros países emergentes para viver do futebol, sendo este um fenômeno recente que emergiu na década de 1990 (PISANI, 2014). A ausência de uma maior equidade entre a profissionalização do futebol masculino e a do feminino no contexto brasileiro tem levado muitas futebolistas (tanto do futebol de campo quanto do futsal) a saírem do país à procura de melhores oportunidades de profissionalização (SOUZA JÚNIOR, 2013; ALMEIDA, 2018).

Nesse sentido, há indícios de que, guardadas as suas respectivas singularidades, mas similar ao ocorrido no futebol masculino, a partir do século XXI o futebol feminino brasileiro (futsal e futebol) também tem intensificando a “migração de especialistas” (RIAL, 2006, p.164), com a diferença marcante de que a remuneração dessas futebolistas, especialistas em seus ofícios, é bem inferior que os salários dos futebolistas homens ou de outros especialistas qualificados que migram para o exterior, como jogadores profissionais de vôlei e basquete, por exemplo.

Diante desse cenário, esta pesquisa pretende analisar o processo de migração de futebolistas mulheres brasileiras de futsal para o contexto europeu, especificamente para o circuito de futsal italiano. Buscar-se-á conhecer, analisar e problematizar o modo como ocorrem os processos de profissionalização dessas futebolistas, suas contratações, as singularidades de seus contratos profissionais e a maneira como elas se mantêm e rodam dentro do circuito do futsal italiano.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Analisar o processo de migração, circulação e profissionalização de futebolistas brasileiras para o futsal italiano.

2.2 Objetivos específicos

- a) Mapear a presença de futebolistas brasileiras na Serie A do futsal italiano;
- b) Diagnosticar o estado atual da profissionalização do futsal de mulheres na Itália;
- c) Problematizar os principais desafios e dificuldades vivenciados pelas futebolistas brasileiras que migram para o futsal italiano;

3. Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, visto que em estudos desse cunho o pesquisador busca entender o contexto de um fenômeno, investigando, por meio de diferentes recursos, problemas e conceitos que vivenciamos enquanto uma sociedade (CRESWELL, 2014). Desse modo, nesse estudo busca-se problematizar e analisar o processo migratório de futebolistas brasileiras de futsal para o futsal italiano.

A análise dos dados qualitativos prioriza investigar as vivências cotidianas e os relatos de experiência acerca do sujeito ou grupo alvo, buscando-se entender suas motivações e interações sociais de forma geral e/ou específica (GIBBS, 2009). Para Triviños (1987), a pesquisa qualitativa tem preocupação com todas as etapas do estudo, não apenas com o resultado, relacionando-se com a estruturação da rotina do objeto de estudo.

Por tratar-se de um objeto em que há poucas investigações científicas semelhantes já realizadas e por fazer-se um enfoque amplo do processo migratório das futebolistas, esta pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de caráter exploratório (TRIVIÑOS, 1987).

Como procedimentos de coleta de dados serão utilizadas entrevistas individuais, com um roteiro previamente elaborado, por meio de um diálogo entre pesquisador e pesquisado, uma técnica essencial para a obtenção de informações desejáveis ao estudo (GIL, 2008). As entrevistas são costumeiramente utilizadas para

a realização de pesquisas de cunho social, já que seu uso permite um aprofundamento nas informações e seu registro é instantâneo (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

As entrevistas serão realizadas de forma *online*, com a utilização do aplicativo Zoom, e gravadas com um recurso disponível na plataforma. Sabe-se que as relações sociais e institucionais estão em constante mudança e que com a era digital a presença física não se faz necessária em diferentes contextos. Sendo assim, as entrevistas remotas facilitam o acesso à informação independentemente de fatores como a distância e o custo (SANTHIAGO; DE MAGALHÃES, 2020).

Far-se-á uso de entrevista compreensiva, um tipo de entrevista que utiliza procedimentos menos padronizados para priorizar uma escuta cuidadosa dos entrevistados (KAUFMANN, 2013 FERREIRA, 2014). Na entrevista compreensiva toda a fala tem valor, e é por meio da reflexão do sujeito sobre si que o pesquisador obtém informações importantes para o estudo (KAUFMANN, 2013). Desse modo, estimula-se o entrevistado a narrar suas experiências com o objeto tratado na pesquisa (MUYLAERT *et al.*, 2014).

Esse tipo de entrevista se caracteriza por ser mais flexível e, assim, permitir uma adaptação do roteiro ao decorrer do diálogo e da obtenção de informações pelo pesquisador (LUDKE; ANDRÉ, 1986). A população do estudo será composta por mulheres atletas de futsal que atuam na Itália disputando a elite do futsal feminino, a Série A. Referente a um dos critérios de inclusão, serão convidadas para o estudo as jogadoras que estiverem jogando há pelo menos um ano na Itália.

Buscar-se-á contemplar futebolistas que representem realidades distintas dentro do cenário do futsal feminino italiano, como, por exemplo: que migraram em épocas diferentes, que jogaram por equipes de regiões diferentes da Itália, que se naturalizaram ou adquiriram dupla cidadania italiana, entre outras singularidades. Adotar-se-á como critério de exclusão as que recentemente imigraram (menos de um ano) e que não haviam jogado no país ainda.

Conforme aponta Montenegro (2010), a definição mais exata da rede de futebolistas que serão entrevistadas será definida no próprio processo da coleta das entrevistas. Todavia a estimativa para este estudo é de 5 a 10 entrevistas. Para a realização das entrevistas, enviaremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por e-mail, este será redigido pela plataforma do Google Forms e assinado virtualmente pela participante.

4. Considerações Teóricas

4.1 Futebol e futsal femininos no Brasil: condições e possibilidades

As mulheres estão adentrando cada vez mais o mundo dos esportes e buscando seu espaço, incluindo aquelas modalidades culturalmente estereotipadas e denominadas masculinas (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013). A prática do futebol, futsal e suas manifestações só foi permitido às mulheres a partir do ano de 1979 após a queda do Decreto-lei nº3199, este que deixou uma lacuna e atrasos no desenvolvimento dessas modalidades para as praticantes, principalmente no que se refere a profissionalização (GOELLNER; GUIMARÃES, 2019).

Goellner e Guimarães (2019) reiteram que apesar das adversidades encontradas no meio futebolístico, que é hegemonicamente masculino, as mulheres ainda persistem e procuram maneiras de continuar inseridas nesse meio, “[...] evidenciando que apesar das dificuldades encontradas, as mulheres sempre se fizeram presentes nesse esporte e por meio dele exerceram (e exercem) atividades profissionais, de lazer, de educação e sociabilidade” (GOELLNER; GUIMARÃES, 2019, p.1).

Para Correia e Netto (2012), mesmo com toda a luta das mulheres esportistas ao longo dos anos, existe uma carência de trabalhos acadêmicos que contemplem assuntos relevantes relacionados às atletas de futsal. Sendo assim, percebemos a importância de estudos que tracem a trajetória dessas mulheres que praticam esse esporte de forma profissional. Autores como Rubio e Veloso (2019) evidenciam a relevância das narrativas dessas atletas a fim de exteriorizar suas conquistas que por tanto tempo foram deixadas em segundo plano.

Portanto, faz-se importante evidenciar a emergência do futsal brasileiro praticado por mulheres, sobretudo construindo sua história. As primeiras competições oficiais de futsal feminino após a proibição foram organizadas no início da década de 1990, com os campeonatos estaduais e a primeira Taça Brasil de Clubes Feminino, realizada em 1992 e organizada pela Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS). A Taça Brasil teve sua 28ª edição em 2021, sendo a competição mais tradicional da modalidade em território nacional (CBFS, 2021).

A primeira seleção brasileira de futsal feminino foi convocada pela CBFS no ano de 2001 – quase 10 anos após a criação dos primeiros campeonatos estaduais e da Taça Brasil de Clubes – e disputou um Desafio Internacional contra a equipe do Paraguai na cidade de Londrina, Paraná, com vitória do Brasil (SANCHES; BORIM, 2010).

Posteriormente a seleção brasileira feminina foi convocada novamente apenas em 2005 para três amistosos contra a Espanha, como período preparatório para o primeiro Sul-Americano realizado em Barueri, São Paulo (SANCHES; BORIM, 2010). Após este, foram realizadas mais três edições, no Equador, em 2007, no Brasil, em 2009, e na Venezuela, em 2011. O Brasil saiu campeão em todas as edições até então (PEREIRA; ANTUNES, 2017).

Após 3 anos sem ser realizada, em 2015 a Sul-Americana passa a ser chamada de Copa América Feminina de Futsal. O Brasil não participou dessa edição, que foi vencida pela seleção colombiana e contou com a participação das seleções do Uruguai, da Colômbia, da Bolívia, da Argentina, do Paraguai, do Chile e do Peru (CONMEBOL, 2015). Nas edições da Copa América de 2017 e 2019 o Brasil volta a disputar e retoma sua posição hegemônica no futsal feminino sul-americano (CONMEBOL, 2019). Somando todos os títulos que conquistou, nossa seleção é hexacampeã da Copa América, vencendo todas as edições que disputou².

Em 2021, pouco antes da Copa do Mundo de futsal masculino, a Associação de Jogadoras de Futsal Feminino da Espanha (AJFSF) e um grupo composto por importantes jogadoras de diferentes nacionalidades redigiram uma carta direcionada à FIFA relatando o preocupação e o descaso da organização com o futsal feminino, exigindo maiores responsabilidades com a modalidade, já que parece que a instituição está postergando suas obrigações de lançar uma competição internacional, como uma Copa do Mundo de futsal feminino (GLOBO ESPORTE, 2021).

² Em 2010 teve início o I Torneio Internacional de Futsal Feminino, porém a competição não é organizada pela FIFA, sendo a entidade responsável pela competição a Associação Mundial de Futsal (AMF). O torneio já teve seis edições (2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015) e a seleção brasileira foi campeã em todas as ocasiões, no entanto ele não é realizado desde 2015 (GLOBO ESPORTE, 2021).

A organização tem sido discriminatória e violado os direitos à igualdade de gênero, como diz Natalia Orive, jogadora profissional de futsal e presidente da Associação de Jogadoras de Futsal Feminino da Espanha (AJFSF):

Nos hemos sentido continuamente marginadas por quienes hacéis llamaros responsable del foment de la disciplina [...] consideramos sus decisiones profundamente discriminatorias y que además atentan contra la igualdad de género.

No documento a associação aponta que a FIFA (organizadora da Copa do Mundo de futsal masculino que ocorre desde 1989 e já está em sua nona edição) ignora o futsal de mulheres, enquanto mais de 50 países possuem uma seleção feminina oficial (GLOBO ESPORTE, 2021). Em 2018 a FIFA havia se comprometido em organizar novas competições de futsal feminino a nível mundial, como iniciativa de incentivo ao futsal e ao futebol femininos, mas o projeto nunca avançou (GLOBO ESPORTE, 2021).

O futsal feminino brasileiro segue sem um circuito profissional e competições organizadas pelas grandes instituições do meio futebolístico. Comparado ao futebol masculino, a discrepância vai além dos patrocínios e das questões financeiras, referindo-se também às maneiras como as mulheres são tratadas nesse meio (CAMARGO; KESSLER, 2017).

Sobre a profissionalização do futsal feminino brasileiro, Silva e Nazário (2018) afirmam que jogadoras de futsal a nível de alto rendimento fazem da modalidade uma oportunidade para construir outra carreira, já que é difícil viver somente do futsal, em que o mais próximo do profissionalismo que muitas atletas chegam é receber bolsas estudantis, moradia e alimentação ofertadas por diferentes universidades e escolas.

No futebol feminino brasileiro há cerca de 12 mil mulheres registradas no sistema da CBF, mas seus contratos são de “vínculo não profissional”, mesmo que cumpram jornadas de horário, treinos, viagens e competições. Ou seja: as futebolistas mulheres se enquadram em atletas de alto rendimento, porém são consideradas não profissionais, por não possuírem um contrato de trabalho com seus clubes (HAAG, 2018)³.

³ Uma pesquisa realizada pela ESPN em 2017, com as jogadoras da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol, mostrou que, de cada quatro jogadoras, três não recebem mais que dois salários-mínimos mensais.

Em um sistema socialmente patriarcal criou-se historicamente uma desvalorização do trabalho feminino, reforçando as premissas sexistas que reduzam a mulher apenas às funções do lar e da maternidade (TEIXEIRA; SOARES, 2022).

No futebol feminino brasileiro ainda não há um horizonte consolidado para a profissionalização no futsal ou no futebol:

[...] para os homens existe uma situação que aponta minimamente para alguma possibilidade de sucesso, na medida em que existe uma profissão de jogador de futebol regulamentada e institucionalizada. Já, para as mulheres, o quadro que se vislumbra não nos permite assumir que há um circuito profissionalizado, uma vez que a modalidade sobrevive à custa de iniciativas individuais e sazonais, marcadas por elementos que se aproximam desse estatuto de profissão e muitos outros que se afastam. (SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 135).

No futebol masculino, apesar de haver a existência de uma profissão regulamentada, como apontado anteriormente, a carreira de jogador de futsal é incerta e instável. A vida de um futebolista da elite se resume basicamente à constante circulação em busca de melhores oportunidades (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2020).

O cenário é ainda pior para os jogadores da sub-elite⁴, que raras vezes ficaram em uma equipe por mais de três anos. Parte disso se deve à situação econômica vulnerável dos clubes, que sofrem sem investimento e acabam por estabelecer contratos curtos e sem grandes perspectivas aos seus atletas (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2020)⁵.

No caso do futsal feminino a realidade é mais cruel, as atletas devem cumprir rotinas de treino, jogos, cuidados com o corpo e alimentação, seguindo todas as funções de atletas profissionais, e mesmo as poucas mulheres que recebem salários baixos geralmente não possuem vínculo empregatícios, contrato e direitos trabalhistas (SOUZA; MARTINS, 2018).

Nos últimos anos alguns clubes do futebol feminino começaram a garantir auxílios, como moradia, plano de saúde, alimentação e bolsa de estudos. Esse apoio é importante, mas insuficiente para uma futebolista que vislumbra uma

⁴ Denominação utilizada por Souza e Marchi Júnior (2020) para classificar os jogadores que jogam a Liga Nacional de Futsal, mas nunca integraram a Seleção Brasileira.

⁵ Souza e Marchi Junior (2020) alertam para uma realidade pouco profissional para os futebolistas brasileiros da sub-elite, como a falta de contrato formal de trabalho, apenas recebendo pelo contrato de direito de imagem (o que não configura um contrato profissional), e a existência de acordos verbais de trabalho, o que permite aos clubes a demissão de atletas sem ressarcimento algum ou quebra contratual.

carreira. No futebol feminino, especificamente, a temporada anual abarca poucas competições, com poucos jogos. Assim, muitos clubes dispensam as atletas ao fim do calendário, ou seja, o profissionalismo no futebol e no futsal feminino brasileiro continua em um estado embrionário (HAAG, 2018).

Um dos componentes que dificultam a estabilização de certa profissionalização do futsal feminino no Brasil é a existência de poucas agremiações no cenário nacional. Algumas são criadas e não muito tempo depois se tornam inativas, inclusive agremiações que alcançam bons resultados estaduais e nacionais; outras conseguem certa perenidade, apesar das dificuldades que enfrentam⁶. A seguir, a título ilustrativo, iremos descrever algumas agremiações emblemáticas da persistência do futsal feminino brasileiro.

4.2 Persistência e resistência do futsal feminino brasileiro: algumas agremiações emblemáticas

Uma agremiação emblemática da realidade atual do futsal gaúcho e do brasileiro é a Sociedade Esportiva e Recreativa de Cultura Chimarrão (SERC Chimarrão), equipe da cidade de Estância Velha, Rio Grande do Sul. Após algumas temporadas com a conquista de vários títulos estaduais (1996, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2010), a partir do ano de 2014 a SERC Chimarrão tornou-se inativa e suspendeu as atividades de futsal feminino (SILVA; NAZÁRIO, 2018).

No período da sua fundação as futebolistas do Chimarrão sofriam com comentários machistas e homofóbicos provenientes do público que ainda encarava com estranheza a presença de mulheres dentro de quadra. As atletas da equipe tiveram que conquistar o respeito e a confiança do clube e da comunidade (SILVA; NAZÁRIO, 2018).

Essas mulheres foram marcantes na história do futsal feminino, pois se firmaram em um lugar socialmente masculinizado, resistiram ao preconceito e à

⁶ Um estudo acerca do futsal de mulheres no Rio Grande do Sul constatou que no período de 1992 até 2019 cerca de 45 equipes de futsal feminino foram criadas e encontram-se inativas ou extintas em competições federadas. Em 2019 o Estadual de Futsal Feminino gaúcho foi formado por oito equipes, consideradas ativas nesse período (BRUM; RIGO, 2023).

desconfiança da população de Estância Velha e conquistaram seu espaço com todos os enfrentamentos e as dificuldades (SILVA; NAZÁRIO, 2018).

A SER Chimarrão arcava com os uniformes e a alimentação diária, e algumas futebolistas chegaram a ser remuneradas e ou receber bolsas de estudos e moradia (SILVA; NAZÁRIO, 2018). Toda essa valorização em cima da SERC Chimarrão é algo inusitado para a modalidade, sobretudo se considerarmos a época (fim dos anos 1990 e início dos anos 2000) (SILVA; NAZÁRIO, 2018).

Outra agremiação que merece destaque é a Associação Female de Futsal Feminino da cidade de Chapecó em Santa Catarina, que no fim da década de 1980 era denominada Popiolski Futebol Clube⁷. Essa equipe surgiu em 1986, com o intuito de promover os diferentes futebóis⁸ amadores (feminino e masculino) (POPIOLSKI, 2004). O futsal feminino começou a crescer na cidade em 1993 com as primeiras competições, o que aumentou o número de praticantes.

De acordo com informações do antigo site oficial da Female Futsal/Unochapecó, até o ano de 1998 o futsal feminino disputava apenas competições municipais e regionais, então, diante dos bons resultados, a equipe decidiu jogar campeonatos maiores. Em 1999 o Popiolski FC passa a competir no Circuito Catarinense de Futsal Feminino, sendo campeão nesse ano e nos três seguintes. No ano de 2000 a equipe teve sua primeira participação no Campeonato Catarinense e conquistou o vice-campeonato; em 2001 conseguiu o título de campeão estadual; e em 2002 ocorreu a sua primeira participação em uma competição nacional, a Taça Brasil de Futsal (POPIOLSKI, 2004).

Para que conseguisse se sustentar e pagar as despesas das atletas e das competições, o clube contava com o auxílio da prefeitura de Chapecó e o convênio com algumas empresas da cidade e do estado – nos anos 2000 era patrocinado principalmente pela Kuat e pelo grupo Tozzo⁹ (POPIOLSKI, 2004). Após algumas baixas na equipe ocorreu a necessidade de uma reestruturação, então, em 2007, fecha parceria com a Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), que com uma iniciativa de incentivo ao esporte passa a patrocinar várias modalidades, entre elas o futsal feminino (UNOCHAPECÓ, 2007).

⁷ Popiolski é o nome da família que liderava a equipe na época.

⁸ Incluímos como futebóis (DAMO, 2003) o futebol de campo, o futebol-sete e o futsal.

⁹ O grupo Tozzo é composto por diversas empresas de alimentos, bebidas, distribuição, atacados e transporte. Ainda se mantém conveniada à equipe, mantendo seu nome até hoje.

Com o apoio da universidade e de outros colaboradores, a equipe tornou-se um expoente no país. Entre seus maiores títulos, a Associação Female de Futsal Feminino é heptacampeã da Taça Brasil de Futsal feminino (2009, 2010, 2011, 2012, 2016, 2017 e 2018), hexacampeã da Liga Nacional de Futsal Feminino (2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013) e bicampeã da Copa Libertadores de Futsal Feminino (2013 e 2017).

Outro exemplo de superação das dificuldades e de estruturação de uma agremiação de futsal feminino é a equipe Taboão da Serra de São Paulo. Fundada em 2009 e sem apoiadores ou patrocinadores, iniciou com cerca de 10 a 12 atletas da cidade (CBFS, 2020). Após bons resultados em competições nacionais e estaduais, em 2019 a equipe fechou parceria com a marca Magnus¹⁰ e passou a se chamar Taboão Magnus – patrocínio que trouxe maior visibilidade e estrutura.

A agremiação Taboão da Serra já conquistou uma Taça Brasil Adulto (2017), duas Copas do Brasil (2019 e 2020), um Novo Futsal Feminino Brasil (2021), três Campeonatos Paulistas (2018, 2020 e 2021) e uma Supercopa (2021) (CBFS, 2021). Além disso, no Futsal Awards de 2021 o Taboão Magnus esteve entre as melhores equipes do futsal de mulheres e entre as cinco melhores em 2020. Nesse mesmo ano a treinadora Cristiane de Souza foi eleita a segunda melhor treinadora entre os treinadores de equipes femininas (homens e mulheres) do mundo (FUTSAL PLANET, 2021). Atualmente a agremiação conta com mais de 120 atletas/alunas com categorias do sub-11 ao sub-20, além das escolinhas de formação (RAMOS, 2020).

Outra agremiação que vem se destacando no cenário nacional do futsal feminino é a equipe das Leas da Serra¹¹, da cidade de Lages, Santa Catarina. Essa agremiação teve seu início em 2013, a partir da junção de duas equipes rivais da cidade, com o intuito de disputar o campeonato municipal e os jogos abertos de Santa Catarina¹². Em 2014, depois de seus bons resultados, a equipe conquistou a atenção da mídia regional e em 2015 começou a consolidar seu projeto na modalidade de alto rendimento com quatro Campeonatos estaduais, uma Copa do

¹⁰ A Magnus é uma marca de alimentos para cães e gatos e uma das maiores patrocinadoras do futsal no Brasil. A marca patrocina também o Magnus Futsal e o Corinthians, além de apoiar e patrocinar o paradesporto em cinco modalidades: futebol de 5, futsal *down*, futebol de amputados, futsal para deficiência intelectual e vôlei sentado (MAGNUS, 2022).

¹¹ Todas as informações a respeito da equipe foram retiradas do site oficial do Leas da Serra e podem ser consultadas através do link <https://www.leasdaserra.com.br/>

¹² Jogos inspirados no modelo de Jogos Abertos do interior de São Paulo

Brasil (2017), duas Taças Brasil Adulto (2019, 2021), uma Supercopa (2018), uma Libertadores (2018) e um Mundial de Interclubes¹³ (2019) (LEOAS DA SERRA, 2022).

A equipe possui também um projeto social em que mulheres e meninas participantes da equipe recebem benefícios, como bolsa de estudos, planos médicos e odontológicos bem como a oportunidade de dar aulas de iniciação ao futsal para crianças:

As meninas em nosso projeto já chegam às centenas. Logo serão milhares. Todas compreendendo e praticando a propagação do bem. Todas mostrando ao mundo que não aceitamos um não como resposta: sim, nós vamos jogar futsal; sim, nós vamos transformar nossa realidade. Com a bola nos pés e grandeza de alma (LEOAS DA SERRA, 2022).

No entanto, mesmo que o Brasil tenha equipes que buscam arcar com a profissionalização das futebolistas de futsal (como as mencionadas anteriormente), os horizontes para a maioria ainda se configuram como instáveis. As circunstâncias de incertezas na carreira e de vulnerabilidade da relação entre clube e atleta faz com que muitas mulheres abandonem a carreira ou migrem para outros países em busca de melhores condições de trabalho.

4.3 Migração e futebol globalizado

O Brasil é considerado uma potência quando se trata de exportação de futebolistas homens para diferentes partes do mundo, principalmente para a Europa (RIAL, 2008; TEDESCO, 2014). Para as mulheres e para as jogadoras de futsal essa perspectiva também vem colocando-se, pois jogar fora do país pode possibilitar a concretização e a solidificação de sua carreira. Principalmente pelas melhores condições trabalhistas e por possibilitar uma maior visibilidade no circuito futebolístico feminino internacional, as melhores futebolistas do mundo jogam fora do Brasil¹⁴ (ALTMANN; REIS, 2013).

¹³ A primeira e única edição realizada até o momento, que teve participação do campeão Europeu de 2018 (Futsi Navacarnero – Espanha) contra o campeão da Libertadores de 2018 (Leoas da Serra). Em decorrência da pandemia de COVID-19 ainda não ocorreu uma segunda edição (Planeta Futebol Feminino, 2021).

¹⁴ Como, por exemplo, a jogadora de futsal Amanda Lyssa Oliveira, eleita por oito vezes consecutivas (2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021) a melhor jogadora de futsal do mundo.

O processo de globalização pode ser descrito, resumidamente, pela crescente interligação e interdependência entre as diferentes nações do mundo, não apenas no campo econômico, mas também no político e no cultural, graças às novas tecnologias que permitiram e deram início à desterritorialização da sociedade (CAMPOS; CANAVEZES, 2007). Quando não se encontram as peças em um cenário nacional, os clubes tendem a buscá-las fora, ou seja, dando início a um processo migratório (NOLASCO, 2017).

Esse fenômeno migratório não é algo recente, mas nas últimas décadas demonstrou ascensão, principalmente no futsal e no futebol masculinos, caracterizando o esporte como um fenômeno social (NOLASCO, 2017). Para Maguire (2013), a mobilidade dos atletas pode ser descrita em três tipos: 1) a mobilidade dentro do país; 2) a mobilidade entre países do mesmo continente; 3) a mobilidade entre diferentes continentes e hemisférios.

Uma parte considerável das migrações acontece a partir de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos: “[...] os jogadores naturais de países onde os clubes não são financeiramente bem dotados, emigram para clubes europeus mais ricos, sendo esse processo migratório seletivo em função de aspectos relacionais” (NOLASCO, 2017, p. 60). Esse processo tem se tornado uma tendência também para os futebolis praticados por mulheres.

O esporte movimenta um expressivo número de atletas por meio do fluxo migratório e o futebol é a modalidade esportiva que mais movimenta esse meio, tanto em termos de jogadores quanto em termos de valores (NASCIMENTO *et al.*, 2019).

De acordo com o atlas de imigração do observatório de futebol de 2021, produzido pelo Centro Internacional de Estudos do Esporte (CIES), o Brasil é o país que mais exporta jogadores para diferentes partes do mundo. Estima-se que no futebol de campo a cada cem jogadores que chegam aos júniores apenas um se torna profissional, destes, menos de 1% transitará entre os grandes centros do mundo (RIAL, 2008). Quando nos referimos ao futebol de mulheres a conta fica ainda pior: segundo a lista da CBF, anualmente cerca de duas mulheres emigram para cada mil homens (PISANI, 2014).

Sobre o caso do futebol de mulheres, Nolasco (2017, p. 62) afirma:

[...] as migrações de atletas mulheres, que face à crescente importância do desporto por elas praticado, também são procuradas internacionalmente, sendo importante verificar se têm formas específicas de acontecer, se seguem os mesmos itinerários e orientação, ou se reproduzem processos diferentes do desporto praticado por homens.

4.4 Futebol e futsal femininos na Itália

De acordo com os registros oficiais, a primeira partida de futebol praticada por mulheres na Itália foi em 1933, em Milão, organizada por um grupo de mulheres da cidade que se chamava *Gruppo Femminile Calcistico* (GFC), apoiado pelo presidente do Comitê Olímpico Nacional Italiano (CONI) Leandro Arpinati (GIANI, 2017).

O futebol praticado por mulheres causou polêmicas e produziu controvérsias em Milão, como apontam registros do jornal da época *Il Calcio illustrato*, que se mostrava simpatizante da iniciativa, e do jornal *Il Littoriale Romano*, que exprimiu opiniões negativas a respeito das torcedoras e apoiadoras que adentraram os campos do futebol, já que aos olhos de seus leitores tratava-se de um esporte viril demais para as mulheres (GIANI, 2017).

O *Gruppo Femminile Calcistico* de Milão teve seu fim poucos meses depois, quando a presidência do CONI deixou de ser de Arpinati e passou a ser liderada pelo fascista Achille Starace (GIANI, 2017). A partir de então o futebol feminino italiano luta por seu espaço, quando em 1946, no norte italiano, na cidade de Trieste, surgem duas equipes femininas, a *Calcio Femminile la Triestina* e o *Le Regazze di San Giustino* (GIANI, 2017).

Em 1950 cria-se a *Associazione Italiana Calcio Femminile*, extinta em 1959, mas, apesar disso, as mulheres continuaram jogando mesmo sem um campeonato oficial (GUERRIERI, 2015). Do sul ao norte da Itália meninas continuam a se reunir para jogar e em 1968 nasce a *Federazione Italiana Calcio Femminile*, com as equipes Ambrosiana, Cagliari, Fiorentina, Genova, Lazio, Napoli, Milan, Placência, Roma e Torino (WILLIAMS, 2013). Em 1969 surge no continente europeu a *Fédération Internationale Européenne de Football Féminine* (FIEFF), com o apoio da empresa de bebidas Martini e Rossi; o intuito era organizar um torneio nos países de Turim, Itália, Dinamarca, Inglaterra e França, sendo um importante marco para o estabelecimento do futebol feminino no continente europeu (WILLIAMS, 2013).

Em 1970 a *Federazione Femminile Italiana Giuoco Calcio* (FFIGC) cria uma liga na cidade de Roma que contou com a participação de 14 equipes, cujo engajamento das equipes de mulheres no país resultou no primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino, que foi disputado em solo italiano no mesmo ano com o apoio da FIEFF e teve a Seleção Italiana como campeã (WILLIAMS, 2013). Em 1971 a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) convoca Congresso Extraordinário solicitando que as federações assumissem o controle da participação do futebol feminino, pois a modalidade era estruturada por organizações independentes (WILLIAMS, 2013). O primeiro Campeonato Europeu de Futebol Feminino organizado pela UEFA foi realizado entre 1982 e 1984 (WILLIAMS, 2013; GIANI, 2017).

A história do futsal feminino na Itália tem seu início apenas na década de 1990, quando em 1992 ocorre a primeira edição de um campeonato oficial de futsal feminino (DIVISIONE CALCIO A 5, 2022). As disputas eram realizadas dentro de cada região, distribuídas em norte (*Emilia Romagna, Lombardia, Piemonte, Comitato autonomo di Trento e Comitato autonomo di Bolzano*), sul (*Basilicata, Campania, Sicilia, Puglia*), centro (*Lazio, Abruzzo, Toscana, Umbria*), leste (*Marche*), sudoeste (*Calabria*), nordeste (*Friuli Venezia Giulia, Sardegna, Veneto*), noroeste (*Liguria*) e sudeste (*Molise*). (DIVISIONE CALCIO A 5, 2022). Os melhores colocados de cada região disputavam o chamado *Final Eight*, que consistia em disputas de *playoff* para conhecer a campeã italiana. Na tabela a seguir (Tabela 1) temos os campeões de 1992 a 2010, quando o campeonato ainda era disputado desta forma:

Tabela 1 - Campeãs italianas de 1992 a 2010

Campeã	Temporada	Localização Geográfica/Territorial
<i>Roma 3Z</i>	1992-1993*	Lazio
<i>Squash 88 Roma</i>	1994-1995	Lazio
<i>A.S.D Torino</i>	1995-1996	Lazio
<i>Il Brigante Napoli</i>	1996-1997	Campania
<i>Dentecane Avellino</i>	1997-1998	Campania
<i>New Club Fioranello</i>	1998-1999	Lazio
<i>S.S Lazio C5</i>	1999-2000	Lazio
<i>S.S Lazio C5</i>	2000-2001	Lazio
<i>S.E Roma Lamaro</i>	2001-2002	Lazio
<i>Sport Lazio CA5</i>	2002-2003	Lazio
<i>A.S Roma Calcio a 5</i>	2003-2004	Lazio
<i>Real Statte</i>	2004-2005	Puglia
<i>Real Statte</i>	2005-2006	Puglia
<i>Città di Pescara</i>	2006-2007	Abruzzo
<i>Lazio Woman</i>	2007-2008	Lazio
<i>Real Statte</i>	2008-2009	Puglia
<i>ISEF Poggiomarino</i>	2009-2010	Campania

Montesilvano

2010-2011

Abruzzo

*em 1993-1994 o campeonato não foi disputado

Fonte: Divisione calcio a 5 (2022).

Na temporada de 2011-2012 pela primeira vez o campeonato de futsal feminino passa a envolver todo o território nacional. Na primeira edição os campeões regionais estavam automaticamente inscritos, mas outras agremiações puderam se inscrever sem critérios de seletividade. Assim a competição contou com dois grupos de 12 times. Grupo A: *Aragonese, Ternana IBL, Sinnai, Città di Breganze, Flaminia, Lupe, Kick Off, Isolotto Fondiaria, Pelletterie, Portos, Sporteam United, Città di Montesilvano*. Grupo B: *Cus Palermo, Real Statte, Città di Pescara, Pro Reggina, Ita Salandra, Woman Napoli, Jordan Aufugum, Virtus Roma Ciampino, Lazio femminile, Parrocchia Ganzirri, Nuova Focus Foggia, Trinakria*.

Os quatro primeiros colocados de cada grupo disputavam os *playoffs* e os últimos de cada grupo eram rebaixados às fases regionais. Nesse novo formato a região da *Calabria* (localizada ao sudoeste da Itália) teve pela primeira vez uma equipe campeã, a *Pro Reggina* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2012).

A temporada de 2012-2013 contou com 36 equipes divididas em três grupos de 12 (DIVISIONE CALCIO A 5, 2012). Ao fim da temporada, nove equipes foram rebaixadas aos campeonatos regionais e 15 tiveram o direito de seguir no campeonato da Série A da temporada seguinte (DIVISIONE CALCIO A 5, 2012). O time campeão da temporada foi o *AZ Gold Woman C5* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2013).

Levando em consideração a organização da temporada anterior, a Série A de 2013-2014 contou com três grupos de 12 equipes (A, B e C), das quais as quatro melhores colocadas de cada grupo se classificaram para as fases finais do campeonato (DIVISIONE CALCIO A 5, 2013). Foram rebaixadas às regionais nove equipes: as duas últimas colocadas de cada grupo e aquelas que perderem a disputa de *playout* entre a 9ª e 10ª colocação de cada grupo (DIVISIONE CALCIO A 5, 2013). A equipe campeã foi a *A.S.D Lazio C5 Femminile* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2014).

A temporada 2014-2015 foi disputada entre 40 equipes distribuídas em três grupos, o grupo A e B com 13 equipes e o grupo C com 14. Foram classificados os cinco primeiros colocados de cada grupo e o melhor 6º classificado de toda a fase regular (DIVISIONE CALCIO A 5, 2014). Com isso, seis equipes foram rebaixadas: a última do grupo C (14º lugar) e as últimas do grupo A e B (13º lugar), além das perdedoras das partidas de *playout* entre os penúltimos lugares de cada grupo.

Como havia um aumento progressivo no número de agremiações que desejavam participar da competição, a temporada de 2015-2016 sofre uma reformulação, sendo criada a Serie A Elite, com 16 equipes classificadas a partir da temporada passada, constituída pelas cinco melhores de cada chave (totalizando 15 equipes) e o melhor sexto lugar geral ao fim da temporada regular (DIVISIONE CALCIO A 5, 2015). A primeira campeã da Série A Elite foi a equipe *Città di Montesilvano* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2016).

Na temporada de 2016-2017 seguiu-se o formato da Série A Elite, dividido em duas chaves com no máximo dez equipes. As equipes puderam se inscrever a partir da sua classificação na temporada anterior (2015-2016) após as fases de *playoffs* e *playouts*. A equipe campeã da série A foi a *Olimpus Roma* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2017).

Em mais uma reformulação, na temporada de 2017-2018 a Série A Elite volta a se chamar Série A, enquanto a Série A passa a ser chamada de Série A2, como uma segunda divisão, aumentando seu número de participantes. Nesse ano participaram da Série A2 cinquenta equipes, divididas em quatro grupos, sendo cinco deles promovidos à Série A e 10 rebaixados às fases regionais (DIVISIONE CALCIO A 5, 2017). A equipe campeã dessa temporada foi a *Ternana* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2018).

Em 2018-2019 a Serie A era composta por apenas um único grupo com 16 equipes, as melhores disputaram os *playoffs* e as piores classificações os *playouts*. As equipes rebaixadas à Série A2 foram as que ocuparam desde a 13ª até a 16ª colocação automaticamente, além das perdedoras dos *playouts* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2018). A equipe vencedora da Série A foi a *Futsal Salinis* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2019).

No ano seguinte, o campeonato 2019-2020 foi suspenso por meio de um comunicado oficial da Divisione Calcio em 5 de março de 2020, devido à pandemia de COVID-19. No entanto, como a temporada já havia começado em setembro de 2019, a metodologia adotada para garantir o acesso e os rebaixamentos das equipes foi por meio de uma média de pontos conquistados durante as disputas já realizadas durante a temporada. Porém não houve um campeão, pois não ocorreu a disputa dos *playoffs* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2020).

Após o recesso devido à pandemia reinicia-se a disputa pelo título nacional da temporada 2020-2021. Mantendo-se o formato do ano anterior, da Série A com uma

única chave de jogos em turno e retorno, os melhores classificados disputaram os *playoffs* e os últimos disputaram os *playouts* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2021). A equipe campeã foi a *Città di Montesilvano* (DIVISIONE CALCIO A 5, 2021).

A série A da temporada 2021-2022 foi composta por 12 equipes: *Città di Falconara*, *Pescara Futsal Femminile*, *YouGo Lazio*, *Bitonto C5 Femminile*, *Tikitaka Planet*, *Real Statte*, *PM Granzette*, *Bisceglie Femminile*, *Kick Off Femminile C5*, *Audace Verona 1998 C5*, *Athena Sassari FC5*, *Calcio Padova Femminile*. O campeonato foi disputado em uma única chave em que todas as equipes jogaram entre si em rodadas de turno e retorno. A primeira rodada iniciou em 8 de outubro de 2021 e a última 24 de abril de 2022, as oito melhores colocadas disputaram os *playoffs*, com oitavas de final, quartas de final, semifinal e final.

A organização do campeonato faz com que tenham mais jogos e um calendário extenso. Os oito melhores colocados também disputam a Coppa Italia, os confrontos da competição são definidos por meio de sorteios e não possuem jogos de volta; em caso de empate as equipes disputam as penalidades. A campeã da temporada de 2022 foi a *Città di Falconara* (TUTTOCAMPO, 2022). Ao fim da Série A e da *Coppa Italia* há a *Supercoppa Italiana*, disputada pelas campeãs da *Coppa Italia* e da Série A.

A disputa da Série A2 é diferente da primeira divisão. Dividida em quatro grupos, A, B, C e D, a disputa é feita por meio de pontos corridos dentro de cada grupo; todos jogam contra todos com jogos de turno e retorno; o primeiro colocado garante uma vaga na primeira divisão e a menor pontuação dos três últimos colocados é rebaixada diretamente às regionais, enquanto os outros dois times disputam o chamado *playout* para decidir o segundo rebaixamento.

As equipes da Série A2 também disputam a Coppa Itália A2; as quatro melhores equipes de todos os grupos, ao fim da fase de pontos corridos, estão automaticamente na disputa da copa. Os *playoffs* são disputados em partida única e por meio de sorteio; em caso de empate são disputados dois tempos de prorrogação e penalidades (TUTTOCAMPO, 2022). Somando a Série A e a A2, podemos contar mais de 60 equipes de futsal feminino filiadas à *Divisione Calcio a 5*.

A partir dos dados obtidos, fizemos um panorama das equipes mais tradicionais do país. Tendo como referência os dados fornecidos pela entidade responsável pelo esporte na Itália, a *Divisione Calcio a 5*, usamos como critério o número de

participações desde que foi criada a Serie A de futsal feminino como competição nacional oficial (Tabela 2).

Tabela 2- Equipes que mais participaram da Serie A.

Equipes	nº de participações
<i>Kick Off, Pescara e Real Statte</i>	11
<i>Città di Falconara e A.S.D Lazio</i>	9
<i>Ternana IBL</i>	8
<i>Futsal Breganze</i>	7
<i>A.S.D Napoli, A.S.D Salinis, A.S.D Sinnai e Lokrians</i>	6
<i>Cagliari Futsal, Isolotto e S.S Lazio C5 Femminile, A.S.D Lupe Calcio e Portos</i>	5

Fonte: Os autores com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

Utilizamos o termo “tradicionais” para especificar as agremiações que mais participaram do campeonato desde sua elaboração, porém esses dados não fazem referência aos campeões nacionais, já que algumas equipes se sagraram campeãs com apenas duas participações, como é o caso de *Pro Reggina 97* e *A.S.D AZ Gold*. A Tabela 3 abaixo faz referência aos campeões nacionais da Série A desde a temporada 2011-2012:

Tabela 3 - Campeões da Serie A desde o início da disputa nacional

Campeã	Temporada
<i>Pro Reggina</i>	2011-2012
<i>AZ Gold</i>	2012-2013
<i>Lazio Femminile</i>	2013-2014
<i>Ternana</i>	2014-2015
<i>Montesilvano*</i>	2015-2016
<i>Olimpus Roma</i>	2016-2017
<i>Ternana</i>	2017-2018
<i>Futsal Salanis</i>	2018-2019
A temporada 2019-2020 não ocorreu devido a pandemia do COVID-19	
<i>Montesilvano*</i>	2020-2021
<i>Città di Falconara</i>	2021-2022

Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

4.5 As futebolistas brasileiras na Itália

O Brasil é considerado um país referência na migração de jogadores de futebol para diferentes continentes (RIAL, 2008). Esse movimento migratório acontece no futebol e no futsal masculinos, ocasionando um movimento que Tedesco (2014) denominou de “exportação de pés”. A partir do século XXI o futebol feminino (futebol

e futsal) tem intensificado essa perspectiva, fazendo do Brasil uma nação produtora e exportadora de futebolistas de ambos os sexos.

De acordo com Tedesco (2014), a migração esportiva ocorre inicialmente por dois motivos principais: busca por melhores remunerações e falta de oportunidades nas seleções de seu país de origem. Entretanto, no futebol e no futsal femininos brasileiros podemos adicionar também a falta de competições consolidadas capazes de formar um calendário futebolístico para o ano todo.

O calendário de competições que se estende por quase todo o ano, o grande número de agremiações que constituem a Série A1 e a A2 (mais de 60 equipes em média), aliados ao reconhecido nível técnico das competições são alguns dos principais atrativos que têm levado as futebolistas brasileiras a migrarem para o futsal italiano. A seguir, nas Tabelas 4 a 9, listamos as equipes, as suas respectivas localizações geográficas (regiões) e o número de brasileiras que estavam disputando a Série A da *Divisione Calcio a 5* (campeonato nacional de futsal feminino italiano) desde a temporada 2016-2017 até a temporada 2021-2022:

Tabela 4 Futebolistas brasileiras na temporada 2016-2017

Equipe	Região	Nº de jogadoras
<i>Ternana</i>	Umbria	3
<i>Kickoff</i>	Lombardia	3
<i>Breganze</i>	Veneto	4
<i>Sinnai</i>	Sardegna	2
<i>Pescara</i>	Abruzzo	3
<i>Stone Five Fasano</i>	Puglia	4
<i>Bellator</i>	Lazio	1
<i>Città di</i>	Abruzzo	3
<i>Montesilvano</i>		
<i>Olimpus Roma</i>	Lazio	4
TOTAL		27

Fonte: Autoria própria com base nas informações da *Divisione Calcio a 5* (2022)

Tabela 5 Futebolistas brasileiras na temporada 2017-2018

Equipe	Região	Número de jogadoras
<i>Cagliari</i>	Sardegna	1
<i>Lazio</i>	Lazio	1
<i>Ternana</i>	Umbria	4
<i>Pescara</i> (extinto)	Abruzzo	4
<i>Olimpus Roma</i>	Lazio	3
<i>Stone Five Fasano</i>	Puglia	4
<i>Futsal Breganze</i>	Veneto	4
<i>Kickoff</i>	Lombardia	3
<i>Città di Falconara</i>	Marche	2
<i>Salinis</i>	Puglia	4
<i>Bellefor Ferentum</i>	Lazio	3
<i>Città di</i>	Abruzzo	3
<i>Montesilvano</i>		

<i>Città di Thiene</i>	Veneto	1
TOTAL		37

Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

Tabela 6 Futebolistas brasileiras na temporada de 2018-2019

Equipe	Região	Número de jogadoras
<i>Bisceglie</i>	Puglia	3
<i>Città di Falconara</i>	Marche	2
<i>Futsal Braganze</i>	Veneto	4
<i>Futsal Florentia</i>	Toscana	3
<i>Cagliari Futsal</i>	Sardegna	3
<i>Futsal Salinis</i>	Puglia	5
<i>Kickoff</i>	Lombardia	4
<i>Città di Montesilvano</i>	Abruzzo	5
<i>Olimpus Roma</i>	Lazio	1
<i>Real Grisignano</i>	Veneto	1
<i>Real Statte</i>	Puglia	2
<i>Lamezia</i>	Calabria	1
<i>Ternana</i>	Umbria	7
<i>Woman Napoli</i>	Campania	2
Total		43

Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

Tabela 7 Futebolistas brasileiras na temporada de 2019-2020

Equipe	Região	Número de jogadoras
<i>Bisceglie</i>	Puglia	3
<i>Città di Falconara</i>	Marche	1
<i>Futsal Florentia</i>	Toscana	2
<i>Futsal Cagliari</i>	Sardegna	5
<i>Futsal Salinis</i>	Puglia	5
<i>Kickoff</i>	Lombardia	4
<i>Città di Montesilvano</i>	Abruzzo	3
<i>Real Grisignano</i>	Veneto	3
<i>Real Statte</i>	Puglia	4
<i>Lazio</i>	Lazio	3
<i>VIP Tombolo</i>	Veneto	2
<i>Virtus Ragusa</i>	Sicilia	1
<i>Pelleterie</i>	Toscana	1
TOTAL		37

Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

Tabela 8 Futebolistas brasileiras na temporada 2020-2021

Equipe	Região	Número de jogadoras
<i>Città di Falconara</i>	Marche	2
<i>Bisceglie</i>	Puglia	4
<i>Futsal Cagliari</i>	Sardegna	3
<i>Kickoff</i>	Lombardia	4
<i>Città di Montesilvano</i>	Abruzzo	4
<i>Città di Càpena</i>	Lazio	4
<i>Lazio</i>	Lazio	4
<i>Granzette</i>	Veneto	3
<i>Real Statte</i>	Puglia	3
TOTAL		31

Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

Tabela 9 Futebolistas brasileiras na temporada 2021-2022

Equipe	Região	Número de jogadoras
<i>Lazio</i>	Lazio	3
<i>Tiki taka</i>	Abruzzo	5
<i>Bitonto</i>	Puglia	6
<i>Kickoff</i>	Lombardia	5
<i>Real Statte</i>	Puglia	5
<i>Audace</i>	Veneto	2
<i>Città di</i>	Marche	2
<i>Falconara</i>		
<i>Pescara</i>	Abruzzo	4
<i>Granzette</i>	Veneto	4
<i>Sassari</i>	Sardegna	2
<i>Bisceglie</i>	Puglia	2
TOTAL		40

Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022)

Além do número elevado de jogadoras brasileiras também chama a atenção o número de equipes da Série A, principal competição do país, que possui futebolistas brasileiras em todas as edições da competição desde 2016 até 2022. Na edição de 2016-2017 foram 27 brasileiras distribuídas em 9 equipes; na de 2017-2018, 37 em 13 equipes; na de 2018-2019, 43 em 14 equipes; na de 2019-2020, 37 em 13 equipes novamente; na de 2020-2021, 31 em 9 equipes; e a última edição (2021-2022) contou com 40 brasileiras em 11 equipes.

A última edição da Série A (2021-2022) foi disputada por 12 equipes, significando que somente a equipe *Padova* não contava com jogadoras brasileiras em seu plantel. Algo similar já havia corrido em edições anteriores, como as de 2020-2021 e 2019-2020, nas quais somente uma ou duas equipes não possuíam futebolistas brasileiras.

O mapa¹⁵ abaixo mostra a respectiva localização geográfica no território italiano das diferentes equipes que disputaram a Série A no período de 2016 a 2022, com futebolistas brasileiras em seus plantéis.

¹⁵ Utilizaremos a linguagem cartográfica (LIMA; DA COSTA, 2012), fazendo um recorte da Itália com o mapeamento dos locais descritos na pesquisa, tendo em vista que assim poderemos entender os espaços (território e regiões) ocupados pelos sujeitos do nosso estudo.

Figura 1 Mapeamento da circulação de futebolistas brasileiras de futsal



Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022).

A quantidade de futebolistas brasileiras na Itália é evidente não apenas nas equipes da Serie A, mas também nas seleções nacionais do Brasil e da Itália.

A seleção nacional de futsal feminino da Itália é relativamente nova, tendo realizado sua primeira convocação em 2015 (FIGC 20--). Desde então, as jogadoras de origem ítalo-brasileira têm desempenhado um papel fundamental na equipe, totalizando doze nomes convocados ao longo desse período¹⁶. A Figura 2 representa uma das convocações do ano de 2023, na qual estavam presentes cinco futebolistas de origem ítalo-brasileira.

¹⁶ Caroline Pesenti, Joseane Pinto Dias, Eliane Dalla Vila, Bruna Borges, Neka, Gabriella Tardelli, Jéssica Marques, Juliana Bisognin, Ana Carolina Sestari, Renata Adematti, Rafa Dal'maz e Gaby Vanelli.

Figura 2 - Jogadoras ítalo-brasileiras na seleção italiana



Fonte: Os autores

No que diz respeito à seleção brasileira, para a Copa América de Futsal Feminino que aconteceu em setembro de 2023 (fig. 3), a equipe fez sua convocação chamando um total de 14 jogadoras, das quais sete atuavam em clubes italianos¹⁷.

Figura 3 Brasileiras que atuam na Serie A italiana



Fonte: Os autores

¹⁷ Luciléia Minuzzo, Bianca Castagnaro, Diana Santos, Tatiane Debiasi, Débora Vanin, Lediane Marcolan e Jessika Manieri.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.

_____. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191267>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ALMEIDA, Caroline Soares; PISANI, Mariane da Silva. Carreiras e profissionalismo após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. **Labrys, études féministes/estudos feministas**, v. 28, p. 1-20, 2015.

ALTMANN, Helena; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

CALCIO a cinque femminile. **Lady Futsal**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.ladyfutsal.com/category/serie-a/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. Porto Alegre, **Horizontes antropológicos**, v. 23, p. 191-225, 2017.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização**. Repositório Universidade de Évora, Instituto Bento de Jesus Caraça, 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL. O esporte da bola pesada que virou uma paixão. **CBFS**, ([20--]) Disponível em: <https://www.cbfs.com.br/futsal-origem>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CONMEBOL. **Se conoce el calendario de la Copa América Femenina de Futsal**. Paraguai, 10 dez. 2015. Disponível em: <https://www.conmebol.com/noticias/se-conoce-el-calendario-de-la-copa-america-femenina-de-futsal/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

_____. **¡Brasil campeón de la CONMEBOL Copa América Femenina de Futsal!**. Paraguai, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://www.conmebol.com/noticias/brasil-campeon-de-la-conmebol-copa-america-femenina-de-futsal/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

CORREIA, Tatiane Aparecida Sá; NETTO, José Evaristo Silvério. Motivos para a prática esportiva e fatores associados de jogadoras de futsal. São Paulo, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, 2012.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa:** Escolhendo entre Cinco Abordagens. Penso Editora, 2014.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

DIVISIONE CALCIO A 5. Archive. Itália, 8 nov. 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160813133300/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2011-2012/304/30/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Archive. Itália, 26 dez. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160520154912/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2012-2013/304/0/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Archive. Itália, 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160330031711/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2013-2014/304/0/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Archive. Itália, 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160325021324/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2014-2015/304/0/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Archive. Itália, 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160325072102/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2015-2016/304/0/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Competizione. Itália, 2017. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/14/girone-a/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Competizione. Itália, 2018. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/88/serie-a-regular-season/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Competizione. Itália, 2019. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/143/serie-a-regular-season/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Competizione. Itália, 2020. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/205/serie-a-regular-season/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Competizione. Itália, 2021. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/261/serie-a-regular-season/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. Competizione. Itália, 2022. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/330/serie-a-regular-season/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 23, p. 979-992, 2014.

FUTSAL PLANET. **Best Women's Club Coach in the World**. In: FUTSAL PLANET. Futsal Planet Awards. [S. l.], 2021. Disponível em: <http://awards.futsalplanet.com/voting>. Acesso em: 11 jan. 2022.

GIANI, Marco. «Amo moltissimo il giuoco del calcio» Storia e retorica del primo esperimento di calcio femminile in Italia (Milano, 1933). La camera blu. **Rivista di studi di genere**, Napoli, n. 17, 2017.

GIBBS, Graham. **Análise dos dados qualitativos**. Porto Alegre, Artmed; 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. Editora Atlas SA, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana. Vilodre.; GUIMARÃES, G. C. Hoje, o futebol de mulheres. **FuLiA/UFGM**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 3-6, 2019.

GUERRIERI, Giulia. **L'evento sportivo: il calcio femminile**. Modena e Reggio Emilia, 2015.

HAAG, Fernanda Ribeiro. "O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele": trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, Goiania, v. 9, n. 14, p. 142-160, 2018.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Editora Vozes Limitada, 2013.

LEOAS DA SERRA. **Leoas da Serra**. Santa Catarina, 11 jan. 2022. Disponível em: <https://www.leoasdaserre.com.br/instituicao>. Acesso em: 15 fev. 2022.

LIMA, Francisco de Assis Fernandes; DA COSTA, Franklin Roberto. A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, p. 105-116, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Em Aberto, v. 5, n. 31, 1986.

MAGUIRE, Joseph. Sport and migration. **The Encyclopedia of Global Human Migration**, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781444351071.wbeghm513>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Migration for work: Brazilian Futsal Players' labor conditions and disposition for mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, Urbana-Champaign, 2020.

DE MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro. O esporte e o ídolo das origens: desvelando a constituição do futsal. **Pensar a Prática**, Goiania, v. 22, 2019.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, p. 189, 2010.

MOREIRA, Gabriela. **Carteira assinada é coisa rara e salário máximo de R\$ 5 mil**: ser profissional no futebol feminino no Brasil é para poucas. ESPN, 14 Mar, 2017. Blogs. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/678444_carteira-assinada-e-coisa-rara-e-salario-maximo-de-r-5-mil-ser-profissional-no-futebol-feminino-no-brasil-e-para-poucas

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, p. 184-189, 2014.

NOLASCO, Carlos. Atletas em movimento: abordagem teórica às migrações de trabalho desportivo. **Motricidades**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 52-64, 2017.

MORAES, Cláudia; PEREIRA, Silva; ANTUNES, Alfredo Cesar . **Trajetória do futsal feminino no Brasil**: um caminho repleto de obstáculos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11. WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13. ago./set. 2017, Florianópolis-SC, Brasil. ISSN 2179-510X. Anais [...]. Florianópolis, 2017.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 14, 2014a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1621>. Acesso em: 11 jul. 2020.

_____. "Muito samba e pouco trabalho": a representação dos jogadores de futebol brasileiros que atuam no exterior. In: I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis, 2014b.

PLANETA FUTEBOL FEMININO. **Histórico**: A primeira Copa Intercontinental de Futsal Feminino. In: PLANETA FUTEBOL FEMININO. FUTSAL. [S. l.], 21 jun. 2021. Disponível em: <https://planetafutebofeminino.com.br/primeira-copa-intercontinental-de-futsal-feminino/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

POPIOLSKI. **Projeto 2004**. In: POPIOLSKI. História. [S. l.], 2004. Disponível em: <http://www.popiolski.com.br/projeto2004.htm>. Acesso em: 1 jul. 2021.

PRINCIPAIS jogadoras de futsal pedem para a Fifa a criação da Copa do Mundo feminina. **Globo Esporte**, São Paulo. 11 set. 2021. Futsal. Disponível em: <https://ge.globo.com/futsal/noticia/principais-jogadoras-de-futsal-pedem-para-a-fifa-a-criacao-da-copa-do-mundo-feminina.ghtml>

RAMOS, Bianca. **Especial futsal feminino**: conheça a história da equipe Taboão Magnus. In: RAINHAS DO DRIBLE. Reportagens. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://rainhasdodrible.com/2020/08/12/especial-futsal-feminino-conheca-a-historia-da-equipe-taboao-magnus/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém. **Disparidades**, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.

_____. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, p. 21-65, 2008.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia; THEIL, Larissa; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Brasília v. 29, n. 3, maio 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/217>. Acesso em: 10 jul. 2020.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/162617>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SANCHES, Vanda Cristina; BORIM, Jayne Maria. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. **EFDeportes**, Buenos Aires, ed. 149, out. 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd149/futsal-feminino-no-brasil-e-no-parana.htm>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; DE MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 27, 2020.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100700&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, A. C. F. de; MARTINS, M. Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, 2018.

STAMBULOVA, Natalia.; ALFERMANN, Dorothee.; STATLER, Traci.; CÔTÉ, Jean. ISSP Position stand: Career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009. DOI:10.1080/1612197x.2009.967191

TEDESCO, João Carlos. “Exportação de pés”. Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais. **Campos-Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 57-74, 2014.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitã. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/30943>. Acesso em: 14 fev. 2022.

TEIXEIRA, Marcelo; SOARES, José. Jogando futebol com a realidade: aproximações necessárias. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, Montes Claros, v. 6, n. 1, p. 272-295, 2022.

TRIVIÑOS, A. **O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**”. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

VICARI, Paulo Renato. **A transição do futebol de salão para o futsal**: um percurso histórico no Rio Grande do Sul. Orientador: Janice Zarpellon Mazo. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128024/000975828.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jul. 2021.

WILLIAMS, Jean. **Women’s football, Europe and professionalization 1971-2011**. 2011. Disponível em: https://uefaacademy.com/wp-content/uploads/sites/2/2019/05/20110622_Williams-Jean_Final-Report.pdf

ZARATIM, S. Aspectos socioculturais do Futsal. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, Araguaia, v. 2, n. 2, p. 51-62, 2012. Disponível em: <http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/49/39>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO:

DATA DE NASCIMENTO:

IDADE:

NATURALIDADE

ESCOLARIDADE:

Iniciação esportiva:

- Onde começou;
- Participou de escolinhas;
- Jogava com meninos?
- Participava de jogos escolares?
- Quando começou a jogar futsal, recebia apoio familiar?

Profissionalização:

- Clubes por quais teve passagem no Brasil;
- Principais campeonatos que participou;
- Títulos conquistados e os mais importantes;
- Atuava de forma profissional no Brasil? Recebia remuneração ou havia algum tipo de contrato;
- Primeiro convite para jogar na Europa; existe algum empresário/intermediário responsável por essas transações;
- Como foi o primeiro contato com o futsal na Itália;
- Como foi a adaptação a uma cultura e país diferentes;
- Clubes por onde rodou dentro da Itália;
- Principais títulos e campeonatos disputados;
- Contratos/remuneração e moradia na Europa;
- Como ocorre a transição de um clube para outro;
- Como se organiza o futsal feminino na Itália (diferentes divisões)
- Seleção brasileira/Italiana;
- Principais diferenças entre a organização do futsal entre Brasil e Itália;
- Perspectivas futuras como atleta de futsal

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo.

Pesquisadora auxiliar: Mariana da Silva Brum

Instituição: Universidade Federal de Pelotas. Endereço: R. Luís de Camões, 625 - Três Vendas, Pelotas - RS, CEP 96055-630. Telefone: (53) 98156-0484 / (53) 3273-2752.

Concordo em participar do estudo "*Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano*". Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informada de que o objetivo geral será "Problematizar o processo de profissionalização e migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano", cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá "entrevistas, realizadas através da metodologia conhecida como Entrevistas Compreensivas".

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Com relação à possibilidade de riscos decorrentes dessa pesquisa, estes são mínimos, podendo apenas alguma pergunta incluída na entrevista causar certo constrangimento aos sujeitos. Caso a pesquisadora identifique essa situação, pausaremos a entrevista ou até mesmo cancelaremos, caso a entrevistada não se sinta a vontade de prosseguir.

BENEFÍCIOS: O estudo visa contribuir com a produção de conhecimento sobre a migração e profissionalização de futebolistas mulheres, colaborando com a construção de conhecimento acerca do futsal feminino. A própria entrevistada poderá se beneficiar do estudo, uma vez que, está contribuindo para maior visibilidade da modalidade.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade poderá permanecer confidencial durante todas as etapas do estudo, onde serei informada dos resultados finais desta pesquisa.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. As investigadoras do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo.

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Esclareci os aspectos da pesquisa, incluindo sua natureza, objetivos, riscos e benefícios. Fiquei à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas e as respondi integralmente. Comprometo-me a utilizar os dados e o material coletado exclusivamente para a elaboração de relatórios e artigos científicos relacionados a este estudo.

RELATÓRIO DE CAMPO

Este relatório tem como objetivo apresentar a condução do processo de coleta de dados que resultou na elaboração da dissertação intitulada "Possibilidades de Carreira: Migrações de Futebolistas Brasileiras para o Futsal Italiano". A pesquisa teve como propósito analisar de maneira aprofundada o fenômeno das migrações, circulação e profissionalização das futebolistas brasileiras que se inseriram no contexto do futsal italiano.

Para isto, realizamos uma investigação por meio da *Divisione Calcio a 5*, a federação que regula tanto o futsal masculino quanto o feminino no país. Os times participantes da Serie A, a principal divisão italiana, disponibilizam informações sobre as jogadoras inscritas por temporada. Através desse método, conseguimos selecionar as jogadoras brasileiras que fazem parte desse cenário esportivo desde a temporada de 2016 até a de 2023.

Com o intuito de abranger um público diversificado, empenhamo-nos em contemplar jogadoras provenientes de diferentes equipes, localizadas em distintas regiões geográficas. Além disso, buscamos incorporar jogadoras que tenham trajetórias por times diversos, tenham migrado em períodos distintos e possuam idades variadas. Destacamos, ainda, a busca por jogadoras que tenham realizado a migração há um tempo considerável, com o propósito de compreender as nuances relativas à adaptação e à vivência em um novo país e cultura.

Pelo fato de um dos temas centrais da nossa pesquisa tratar da profissionalização e das possibilidades de carreira da futebolistas brasileiras que atuam no futsal italiano selecionamos jogadoras de atuam na elite do futsal italiano, mais especificamente futebolistas que são detentoras de um capital futebolístico e que conseguiram alcançar um determinado reconhecimento no universo do futsal feminino italiano e/ou brasileiro, inclusive com passagens pelas seleções nacionais desses dois países. Assim, entre as cinco futebolistas que entrevistamos, três possuem passagem pela seleção brasileira e duas pela seleção italiana.

Além das entrevistas previamente agendadas e realizadas, também acompanhamos o Instagram dessas, e também de outras futebolistas. Na plataforma do Instagram elas costumam publicar e compartilham aspectos de suas carreiras e também de suas vidas, como, por exemplo, fotos e vídeos que envolvem familiares, amigos, colegas de equipes, outras futebolistas, etc.

Além disso, o Instagram se estabelece como uma ferramenta eficaz para a identificação de redes de contato. Muitas das jogadoras que atuam na Itália, por exemplo, mantêm relações de amizade e parceria entre si, o que facilitou o mapeamento delas. Por meio desta rede social, é possível acompanhar os resultados dos jogos, os destaques das partidas e até mesmo os vídeos dos melhores lances individuais, que são frequentemente postados pelas próprias jogadoras. Inicialmente, empregamos essa rede social como meio de comunicação, por meio de mensagens diretas. Em outros casos optamos pelo contato por meio de e-mails.

Entre as futebolistas que fizemos contato e convidamos para participar da pesquisa tivemos a recusa de três delas. Duas dessas recusas deram-se pelo fato de não termos tido retorno das jogadoras após fazermos contatos com elas e uma terceira deu-se pela impossibilidade de encontrarmos um horário compatível para a entrevista, principalmente porque além dos treinos e jogos ela também ministrava aula em uma escolinha de futsal de meninas. As entrevistas foram agendadas e realizadas nos dias de folga das atletas, de acordo com os horários por elas estipulados.

Não enfrentamos qualquer dificuldade relacionada a essas atletas, apesar das diferenças de fuso horário. Durante todas as entrevistas, não ocorreu nenhum problema de desconexão ou instabilidade, o que simplificou o processo de entrevistá-las. Além disso, as jogadoras se mostraram dispostas a fornecer informações adicionais após o término das entrevistas, o que me permitiu consultá-las em várias ocasiões para esclarecer dúvidas relacionadas ao futsal na Itália. A duração das entrevistas variou, com a mais curta durando aproximadamente 45 minutos e a mais longa estendendo-se por cerca de 120 minutos. A entrevista mais longa precisou ser dividida em duas partes, uma antes e outra depois do jantar.

Uma das entrevistadas, a futebolista Jociane Neckel (Neka), que reside na Itália desde 2007, gentilmente me forneceu dois livros que abordam a história do futsal feminino na Itália, bem como a história da equipe do Futsal Preci e das pioneiras brasileiras que emigraram para jogar futsal. Esse material foi de imensa valia, uma vez que representou uma das fontes documentais primárias fundamentais para a elaboração do presente artigo.

PRODUTO DA DISSERTAÇÃO

Artigo a ser submetido a Revista Movimento

Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano

Mariana da Silva Brum

Silvana Vilodre Goellner

Luiz Carlos Rigo

RESUMO

A falta de profissionalização e reconhecimento adequado das futebolistas brasileiras intensificou o processo de imigração dessas atletas. Nesse cenário, a Itália tem emergido como um dos destinos que mais têm recebido futebolistas que almejam construir uma carreira no futsal. Desse modo, este estudo objetivou problematizar o processo de migração, a profissionalização e as possibilidades para a construção de carreiras de futebolistas brasileiras que migraram para o futsal italiano. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, e o corpus empírico da pesquisa foi constituído pela realização de "entrevistas compreensivas" com cinco futebolistas ítalo-brasileiras que atuaram na Serie A do futsal feminino italiano. O estudo mapeou que desde 2007 há uma presença elevada de futebolistas brasileiras em quase todas as equipes da Série A do futsal feminino italiano. Concluiu-se que apesar da Série A do futsal feminino italiano oferecer melhores recompensas financeiras do que o futsal feminino brasileiro, a profissionalização dessa modalidade é bastante incipiente e as futebolistas enfrentam inúmeras adversidades para construir uma carreira.

PALAVRAS-CHAVE: Futsal Feminino, Profissionalização, Migração, Itália

ABSTRACT

The migration process for Brazilian female footballers is intensified by the lack of professional recognition in Brazil. In this scenario, Italy has emerged as one destination that has received footballers who want to build a career in futsal. This study aimed to discuss the migration process, professionalization, and possibilities of building the careers of Brazilian female footballers who have migrated to Italian futsal. The study is characterized as qualitative research, and the empirical corpus of the research consisted of "comprehensive interviews" with five Italian-Brazilian female footballers who played in Serie A of Italian women's futsal. The study found that since 2007, there has been a high presence of female Brazilian footballers in most teams of the Serie A in Italian women's futsal. It was also found that, although Italian futsal offers greater financial rewards and some better labour conditions than Brazilian futsal, it also presents a series of contradictions and a fairly incipient prospect of professionalization. As a result, female footballers who migrate to Italy face a series of adversities that prevent them from building a career that guarantees professional stability.

KEYWORDS: woman's futsal, profisionalization, migration, Italy

RESUMEN

La falta de profesionalización y reconocimiento adecuado de las futbolistas brasileñas ha intensificado el proceso de inmigración de estas deportistas. En este escenario, Italia ha surgido como uno de los destinos que más futbolistas ha recibido que desean construir una carrera en el fútbol sala. De este modo, este estudio se propuso problematizar el proceso migratorio, la profesionalización y las condiciones de posibilidad para la construcción de la carrera de los futbolistas brasileños que han emigrado al futsal italiano. El estudio se caracteriza por ser una investigación cualitativa, y el corpus empírico de la investigación se compuso de "entrevistas exhaustivas" con cinco futbolistas italo-brasileñas que jugaban en la Serie A del futsal femenino italiano. El estudio constató que desde 2007 hay una gran presencia de futbolistas brasileñas en casi todos los equipos de la Serie A del futsal femenino italiano. También se descubrió que, aunque el futsal italiano ofrece mayores recompensas económicas y mejores condiciones de trabajo que el brasileño, también presenta una serie de contradicciones y la perspectiva de profesionalización aún está en pañales. Como consecuencia, los futbolistas que emigran allí conviven con una serie de adversidades que les impiden construir una carrera que les garantice estabilidad profesional.

PALABRAS CLAVE: Fútbol sala femenino, profesionalización, migración, Italia

1 Introdução

Em uma das entrevistas concedida por Gianni Infantino durante a Copa do Mundo de Futebol Masculino no Catar em 2022, o futsal feminino apareceu como um tema de destaque, sobretudo quando o então presidente da FIFA anunciou a criação da Copa do Mundo de Futsal Feminino (Dilascio, 2022). No entanto, tal discussão não ocorreu por acaso. No ano de 2021, a Asociación de Jugadoras de Fútbol Sala (AJFSF), da Espanha, enviou uma carta dirigida à entidade máxima do futebol mundial, na qual denuncia a negligência da entidade para o futsal praticado por mulheres (Jogadoras..., 2022).

Após a ausência de um respaldo oficial, em novembro de 2022, jogadoras de diferentes nacionalidades¹⁸ divulgaram um vídeo no qual reivindicam a instauração de um Mundial de Futsal Feminino reconhecido pela FIFA (Jogadoras..., 2022). No vídeo, a presidente da AJFSF, Natalia Orive, declarou: “Em setembro de 2021, nos dirigimos à FIFA pelo maltrato e abandono público de jogadoras de futsal. Um ano depois,

¹⁸ As jogadoras que participaram do vídeo são Amandinha (Brasil), Ersilia D’Inecco (Itália), Anita Luján (Espanha), Janice da Silva (Portugal), Fátima Villar (Uruguai), Chikage Kichibayashi (Japão), Zahra Lotfabadi (Irã), Nancy Loth (Holanda), Julia Paz Dupuy (Argentina), Vika Kyslova (Ucrânia) e a presidente da associação, a espanhola Natalia Orive (JOGADORAS..., 2022).

continuamos sem respostas oficiais. Estamos reunidas pela primeira vez na história para denunciar publicamente o trato discriminatório”¹⁹.

No Brasil, “os futebóis” (Damo, 2005) para as mulheres por muito tempo foram práticas de resistência. Na década de 1940 foi instituído, pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), o Decreto-Lei nº 3.199/41, que proibia às mulheres a prática de esportes considerados viris²⁰. Tal proibição deu-se ancorada nos valores predominante da época que excluía a mulher da vida pública e a associava aos afazeres domésticos, ao papel de mãe e esposa (Goellner, 2005; Rigo *Et Al.*, 2008; Almeida, 2018). Essa proibição afastou a maioria das mulheres do futebol e do futsal e prejudicou o desenvolvimento dessas duas modalidades esportivas, que continuam recebendo poucos incentivos de parte do governo e das principais entidades esportivas do país²¹.

O Brasil é considerado um “celeiro de craques” (Damo, 2005), um “exportador de pés” para diferentes regiões do mundo, em especial para a Europa (Rial, 2006; Tedesco, 2014). Nesse sentido, há indícios de que, guardadas as suas respectivas singularidades, similar ao ocorrido no futebol dos homens, a partir do século XXI o futebol de mulheres (futsal e futebol) também intensificou a “migração de especialistas” (Rial, 2006, p. 164), com a diferença de que estas recebem uma remuneração bastante inferior à dos homens²². No caso do futebol de mulheres, a não profissionalização e a pouca de perspectiva de construção de uma carreira de futebolista são fatores que tem incentivado muitas delas a saírem do país (Souza Júnior, 2013; Almeida, 2018).

No caso do futebol de campo, muitas buscam melhores oportunidades nos Estados Unidos da América, principalmente pelos investimentos que existe inclusive nas categorias de base (Pisani, 2014). Mas, há um crescimento desse movimento

¹⁹ O vídeo na íntegra pode ser acessado por meio do link: <https://ge.globo.com/video/jogadoras-criam-sindicato-para-reivindicar-mundial-feminino-de-futsal-11090019.ghtml>

²⁰ Por meio da Deliberação nº 7/1965, o CND proibiu às mulheres a prática de futebóis (campo, areia e salão), lutas de qualquer natureza, polo aquático, rugby, halterofilismo e baseball (Faria Júnior, 1995). A revogação ocorreu apenas em dezembro de 1979, sendo que o futebol feminino foi regulamentado apenas em 1983, com a criação de campeonatos oficiais para as mulheres.

²¹ Desde 2015, quando a FIFA assume também a gerencia do futsal feminino, a entidade já organizou duas edições da Copa do Mundo de Futsal masculino, mas não organizou nenhuma do feminino (Dislascio, 2022).

²² O salário médio de uma jogadora de futebol profissional no Brasil gira em torno de R\$ 2.500, enquanto o dos homens nas mesmas condições é de R\$ 5.500. O salário das melhores jogadoras do país pode ser comparado ao de um jogador de Série C e D (Sanz, 2023).

migratório também para o continente europeu, como para as ligas francesa, inglesa e espanhola, entre outras (Pessoa; Sciaciotti, 2023).

No que diz respeito ao futsal feminino, não há registros públicos disponíveis na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) relacionados ao processo migratório de jogadoras de futsal. Não se encontram registros das que deixam o país, nem das que ingressam no Brasil.

Devido à falta de fontes e à escassez de literatura acadêmica que se dedica especificamente ao futsal feminino, em algumas ocasiões, recorreremos à literatura relacionada ao futebol de campo praticado por mulheres, tomando em consideração as particularidades de cada uma dessas modalidades esportivas²³. Assim, uma das relevâncias desta pesquisa está em abordar questões do futsal de mulheres, uma prática esportiva emergente que carece de maior atenção do campo acadêmico.

O principal objetivo da pesquisa foi problematizar o processo de migração, a profissionalização e as possibilidades de carreira para as futebolistas brasileiras de futsal que migram para atuar na Série A do futsal italiano. Também foi objetivo do estudo mapear a distribuição dessas futebolistas transacionais nas equipes da série A e analisar o estado da profissionalização do futsal daquele país.

2 Considerações metodológicas

O principal recurso metodológico utilizado nessa pesquisa foi a entrevista compreensiva (Ferreira, 2014). Diferentemente de algumas formas de entrevistas mais tradicionais, a entrevista compreensiva não se restringe ao uso de um roteiro prévio, construído pelo pesquisador. Ela valoriza a relação que se estabelece entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Desse modo, o suporte empírico desta pesquisa constitui-se não apenas das entrevistas (propriamente ditas), mas também por uma série de episódios, alguns mais e outros menos planejados (diálogos informais, trocas de mensagens etc.), que ocorreram no trabalho de campo da pesquisa.

Outra singularidade da entrevista compreensiva está na possibilidade de utilizá-la junto a outras fontes de pesquisa – neste estudo, utilizou-se, por exemplo, por fontes

²³ Esse uso parece-nos possível pela similaridade existente entre as duas modalidades e principalmente, porque, diferente do futebol de homens, no futebol de mulheres é mais comum as futebolistas transitarem do futebol para o futsal e vice-versa.

documentais e publicações veiculadas nas redes sociais –, entrecruzando-as com as entrevistas²⁴.

O mapeamento das jogadoras foi realizado por meio de uma extensa pesquisa realizada no site da *Divisione Calcio a 5*²⁵, responsável pela liga de futsal de mulheres no país, em que foi possível identificar 40 futebolistas brasileiras. Dessa lista, selecionamos, primeiramente, apenas as jogadoras da Série A. Posteriormente, com o objetivo de abarcar a diversidade constituinte do objeto pesquisado procurou-se contemplar futebolistas de distintas regiões, de diferentes equipes, que atuavam no Itália no mínimo a dois anos.

Selecionamos futebolistas que possuíam um considerável capital futebolístico, conforme discutido por Damo (2005), e que desfrutavam de reconhecimento no cenário do futsal feminino, tanto no Brasil quanto na Itália. Das entrevistadas, três delas tinham experiência na seleção brasileira, enquanto outras duas haviam representado a seleção italiana. O limite de cinco entrevistadas foi estabelecido porque consideramos que era suficiente para este estudo, especialmente porque, a partir da quinta entrevistada, observamos repetições significativas. Ou seja, alcançamos um ponto de saturação na obtenção de fontes orais.

Além das entrevistas, acompanhamos o Instagram das cinco futebolistas selecionadas. Esta rede social é onde elas frequentemente compartilham fotos e vídeos pessoais, de suas famílias, imagens de suas viagens, treinos e jogos. Utilizamos essa plataforma não apenas para observação, mas também como um meio de comunicação rápido e direto com as entrevistadas. Esta abordagem facilitou o primeiro contato, a partir do qual agendamos entrevistas individuais e remotas. Com a permissão das entrevistadas, essas foram gravadas e posteriormente transcritas²⁶.

A tabela abaixo mostra alguns aspectos referentes à trajetória das cinco futebolistas que entrevistamos:

²⁴ Pelas possibilidades de usos que apresenta, a entrevista compreensiva é um procedimento metodológico que tangencia diferentes metodologia qualitativas, como, por exemplo, a Etnografia e a História Oral, principalmente se tratamos a História Oral como um campo metodológico interdisciplinar, que faz uso de fonte orais. Para maiores considerações sobre as possibilidades de uso da História Oral, ver: MONTEGRO, 2010; PORTELLI, 2010; THOMPSON, 1992.

²⁵ Maiores informações a respeito do futsal na Itália podem ser encontradas por meio do link: <https://www.divisionecalciola5.it/>

²⁶ Nesse processo de acompanhamento e conversações com as nossas entrevistadas a futebolista Jociane Neckel (Neka), que reside na Itália desde 2007, nos forneceu dois livros que tratam do futsal feminino na Itália e das brasileiras pioneiras em emigrar para o futsal italiano. Este material foi uma fonte estratégica para nossa pesquisa.

Tabela 1 - Descrição das futebolistas entrevistadas.

Nome	Idade	Clubes em que jogou no Brasil	Ano de migração	Clubes em que jogou na Itália
Luciléia Renner Minuzzo ²⁷	39 anos	SER Santo Ângelo, Kindermann,	2012	Ternana, Montesilvano, Bitonto
Jociane Neckel (Neka) ²⁸	40 anos	Portuguesa Santista, Quedas do Iguaçu,	2007	Futsal Preci, Ternana, Lazio
Ana Carolina Sestari ²⁹	27 anos	Barateiro Futsal	2014	Montesilvano, Pescara
Débora Vanin ³⁰	27 anos	Female, Kindermann e Barateiro Futsal	2017	Kick Off, TikiTaka

²⁷ Luciléia Renner Minuzzo, natural de Santo Ângelo (RS), jogava futebol nas ruas do interior com os amigos e familiares. Os primeiros jogos sistematizados foram na escola, quando disputava os jogos escolares municipais. Entrou em um time de futsal da cidade, chamado de Sociedade Esportiva e Recreativa Santo Ângelo, disputando na categoria adulta os primeiros campeonatos estaduais e nacionais. Foi jogando a Liga Nacional, em 2005, que ganhou destaque na modalidade e recebeu uma proposta para jogar no Kindermann, de Santa Catarina, no qual jogou por seis anos. Motivada pelo sonho de jogar fora do país, foi por meio de um amigo, que jogava futsal na Itália, que conseguiu uma oportunidade de jogar no país, onde vive desde 2013. Entre os títulos mais importantes da carreira, destaca-se o de melhor jogadora do mundo, em 2013. A entrevista com a atleta foi realizada em 2020, por meio do aplicativo Zoom, e durou cerca de 60 minutos.

²⁸ Jociane de Mello Neckel (Neka), natural de Dois Vizinhos (PR), cresceu jogando futebol na comunidade rural, afastada da cidade. Desde criança foi incentivada a jogar, ancorada por seu pai, que sonhava em ter um menino que fosse jogador de futebol e viu em sua filha mulher a concretização de um sonho. Aos 12 anos passou em um teste para o time de campo da Portuguesa Santista, em São Paulo, porém, diante da pouca idade e da desorganização por parte do clube, por opção de seu pai, retornou para casa. Neka continuou a disputar campeonatos regionais e estaduais por muitos anos, enquanto estudava e trabalhava. Em 2007 surgiu a oportunidade de migrar para a Itália para jogar futsal, e foi no Futsal Preci, fora do Brasil, que conseguiu desenvolver sua carreira como jogadora, conquistando títulos nacionais e sendo convocada para a seleção de futsal italiana. Em 2022 casou-se com Damiano Basile, um dos dirigentes do extinto Futsal Preci, e desde 2007 vive na Itália, onde continua a disputar competições de futsal e de campo. A entrevista foi realizada em 2022, pelo Google Meet, e durou cerca de 140 minutos.

²⁹ Ana Carolina Sestari, natural de Progresso (RS), aos seis anos mudou-se com a família para Nova Brescia (RS), onde cresceu e vivenciou o futebol com amigos e familiares, principalmente em um campinho localizado em frente à casa dos avós. Foi na escola que disputou as primeiras competições, como os Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS) e o Guri Bom de Bola. Jogou na linha até os 11 anos, quando parou de jogar depois de sofrer um acidente de bicicleta em que fraturou o fêmur. A lesão não a afastou do futebol, mas mudou sua posição dentro das quadras. Ana passou a defender a baliza. Aos 14 anos passou em um teste para o time do Barateiro, em Brusque (SC), no qual jogou de 2010 até 2013, quando retornou para Nova Bréscia. Em 2014 um amigo que conhecia o campeonato italiano colocou-a em contato com um treinador de um time feminino, e foi quando Ana decidiu deixar o Brasil. Desde 2015 joga na mesma equipe, Montesilvano, que em 2021 passa a ser chamada de Pescara. Ana já defendeu a seleção italiana e ficou dois anos consecutivos entre as três melhores goleiras de futsal do mundo. A entrevista foi realizada em 2021, pelo aplicativo Zoom, e durou cerca de 110 minutos.

³⁰ Débora Vanin, natural de Chapecó (SC), durante a infância jogava futebol em um campinho perto de sua casa, junto com os amigos e o seu irmão mais velho. Além da rua, jogava também na escola, mas, diferentemente de muitas futebolistas de sua geração, teve a oportunidade de ingressar em uma escolinha desde cedo, a antiga Papiolski, hoje conhecida como Female Futsal. Enquanto jogava no Brasil, sempre defendeu as cores da mesma equipe, desde as categorias de base até as competições

Bianca Castagnaro 31	33 anos	Londrina, Cianorte e Stein	2017	Braganze, Città di Capena, Lazio, Bitonto
----------------------------	------------	----------------------------	------	--

Fonte: os autores (2023).

2 Caminhos transnacionais: a trajetória de futebolistas brasileiras no futsal feminino italiano

A migração esportiva pode ocorrer dentro do próprio país, entre nações do mesmo continente e entre continentes diferentes (Maguire, 1994). Uma parte considerável das migrações acontece a partir de países de menor investimento para aqueles que alocam maiores recursos financeiros em cada modalidade, uma vez que “os jogadores naturais de países onde os clubes não são financeiramente bem-dotados, emigram para clubes europeus mais ricos, sendo esse processo migratório seletivo em função de aspectos relacionais” (Nolasco, 2017, p. 60). Esse processo tem se tornado uma tendência também para os “futebóis” (Damo, 2005) praticados por mulheres.

Alcázar (2005) aponta que as primeiras brasileiras que migraram para jogar futsal na Europa datam de 2005, tendo a Espanha como destino, mais especificamente o Futsi Navalcarnero³², uma equipe reconhecida no país, onde as brasileiras eram conhecidas por “su nivel superior al de las españolas. Son de las que ganan partidos”. Para a Itália, esse fenômeno migratório começou a ser mais visível a partir de 2007, quando o Futsal Preci³³ tomou a iniciativa de recrutar jogadoras

adultas. Em 2017 foi convocada pela primeira vez para a seleção brasileira de futsal, mesmo ano em que saiu do Brasil para jogar na Itália. A entrevista foi realizada em 2023, pelo Google Meet, e durou cerca de 50 minutos.

³¹ Bianca Castagnaro, natural de Osasco (SP), mudou-se ainda criança para o interior do Paraná. Foi na escola que vivenciou as primeiras práticas do futsal e, sem demora, identificou-se com a posição de goleira. Ingressou em uma escolinha em que teve a formação junto com meninos, sendo a única menina entre eles. Sem encontrar categorias de base femininas, optou por integrar e treinar com o time adulto de mulheres. Aos 14 anos foi convidada para jogar os Jogos da Juventude pela equipe do Londrina, no qual ficou até seus 18 anos. Jogou um ano pelo Osasco Palmeiras (SP) e retornou para o Paraná, para a equipe do Cianorte. Bianca começou sua trajetória na Itália em 2016, por intermédio de agenciadores, onde jogou até 2021. Ela retornou ao Brasil para jogar uma temporada na equipe Stein, de Cascavel (PR), e no ano seguinte (2022) voltou para a península. No Brasil, ganhou os principais títulos nacionais, sendo um nome recorrente nas convocações da seleção brasileira de futsal. A entrevista foi realizada em 2023, pelo Google Meet, e durou cerca de 50 minutos.

³² O Futsi Atletico Navalcarnero é um importante time da Primeira Divisão espanhola de futsal feminino.

³³ A equipe fundada em 2005 na pequena cidade de Preci foi idealizada pelo italiano Damiano Basile e seu pai, Raffaele Basile. O objetivo, na época, era disputar os torneios e campeonatos regionais, por isso sua primeira equipe foi inteiramente formada por italianas da cidade e arredores. Ao observar os bons jogadores brasileiros que já circulavam pelas quadras do campeonato de futsal masculino, arquitetou uma forma de buscar brasileiras para compor sua equipe (Scardicchio, 2022).

brasileiras, esse acontecimento ficou conhecido como o “Il miracolo sportivo che cambiò il futsal femminile”, ³⁴ (Scardicchio, 2022).

Nos últimos anos temos acompanhado uma intensificação da migração de jogadoras de futsal para esses dois países. Em 2021, por exemplo, havia 21 brasileiras disputando a primeira divisão da Liga Espanhola (VECCHIOLI, 2022), enquanto na Itália eram 31. A seguir, na Tabela 2, apresentamos um levantamento da participação das futebolistas brasileiras nas últimas sete edições da Serie A italiana.

Tabela 2 – Brasileiras disputando a Série A italiana.

Temporada	Nº de futebolistas brasileiras	Total de Equipes	Equipes com Brasileiras
2016-2017	27	17	9
2017-2018	37	16	13
2018-2019	43	16	14
2019-2020	37	14	13
2020-2021	31	10	9
2021-2022	40	12	11
2022-2023	40	14	11

Fonte: Divisione Calcio a 5 (20--).

Além do notável número de jogadoras brasileiras, chama a atenção o fato de que futebolistas do Brasil estiveram presentes em todas as edições da Série A, a principal competição do país, desde 2016 até 2022. Em 2016-2017, havia 27 brasileiras distribuídas entre nove equipes; na temporada de 2017-2018, esse número aumentou para 37, espalhadas por 13 equipes. Em 2018-2019, eram 43 jogadoras em 14 equipes. A edição de 2019-2020 viu novamente 37 brasileiras em 13 equipes. A temporada 2020-2021 contou com 31 jogadoras em nove equipes. A edição de 2021-2022 registrou a presença de 40 brasileiras em 11 equipes. Na última edição, 2022-2023, novamente, 40 jogadoras brasileiras estiveram presentes em 11 das 14 equipes que disputaram o campeonato.

O mapa³⁵ abaixo mostra a respectiva localização geográfica no território italiano das diferentes equipes que disputaram a Série A no período de 2016 a 2022, com futebolistas brasileiras em seus plantéis.

³⁴ O milagre esportivo que mudou o futsal feminino (tradução nossa).

³⁵ Utilizaremos a linguagem cartográfica (LIMA; DA COSTA, 2012), fazendo um recorte da Itália com o mapeamento dos locais descritos na pesquisa, tendo em vista que assim poderemos entender os espaços (território e regiões) ocupados pelos sujeitos do nosso estudo.

Figura 4 Mapeamento da circulação de futebolistas brasileiras de futsal



Fonte: Autoria própria com base nas informações da Divisione Calcio a 5 (2022).

As futebolistas que saem do Brasil em busca de novas oportunidades na Itália fazem parte de um fluxo migratório contemporâneo, que abrange trocas culturais, econômicas e afetivas (Zanini; Assis; Beneduzi, 2013). As migrações contemporâneas se singularizam especialmente por sua velocidade, em parte aceleradas pelas mutações e pelas aproximações virtuais entre diferentes nações e continentes, trazidas pelas novas tecnologias (Resstel, 2015).

O movimento migratório dessas mulheres futebolistas guarda similaridades, como o dos homens, e podem ser caracterizados como uma exportação de “pés-de-obra” (Damo, 2005). Esse fenômeno intensificou-se no século XXI com as migrações transnacionais, que se caracterizam pelos vínculos que o indivíduo mantém com seu país de origem e o de destino (Resstel, 2015). De acordo com Zanini, Assis e Beneduzi (2013, p. 2) “um mundo em que as distâncias diminuíram devido às melhorias de transporte e comunicação, também diminuíram as distâncias entre as sociedades de origem e destino”. A transição de uma carreira nacional para uma transnacional é essencial para atletas que são originárias de países com poucas opções de desenvolvimento profissional (Ageergard; Ryba, 2014).

Na Itália, semelhante ao ocorrido no Brasil, competições de futsal praticadas por mulheres têm início oficialmente a partir de 1992, quando os campeonatos consistiam em disputas regionais, distribuídas do norte ao sul do país, em que as oito melhores equipes disputavam o chamado *Final Eight*, etapa de jogos eliminatórios que coroava o campeão nacional (Scardicchio, 2022).

Diante do crescimento do futsal feminino no país, os dirigentes do Futsal Preci, Damiano Basile e seu pai, Raffaele Basile, visualizaram nas futebolistas brasileiras uma possibilidade de montar uma equipe competitiva capaz de disputar o título nacional (Scardicchio, 2022). Assim, em 2007 organizaram uma peneira na cidade de Chopinzinho, Paraná. Nessa peneira foram selecionadas seis futebolistas brasileiras. Além das qualidades futebolísticas, requeria-se que as candidatas fossem descendentes de italiano, exigência relacionada às regras de imigração.

Na temporada seguinte, em 2008, diante dos bons resultados conquistados com as ítalo-brasileiras, os gestores da equipe de Preci decidiram investir também em futebolistas argentinas (Scardicchio, 2022). Essa estratégia, de importação de futebolistas não europeias suscitou polêmicas e a federação italiana de futsal estabeleceu normas que instituíram um número máximo de futebolistas não europeias em cada equipe. Atualmente (2023), cada equipe pode ter uma jogadora extracomunitária e mais cinco com dupla nacionalidade³⁶.

Para Neckel, uma das primeiras a imigrar para jogar no Futsal Preci, o processo foi exaustivo, devido à dificuldade de encontrar os documentos do seu trisavô: “eu não conseguia saber de onde ele era na Itália, eu sabia o nome dele, mas não sabia de que cidade, não sabia nada” (Neckel, 2022). Para a comprovação da descendência é necessário ter os registros do último indivíduo da família nascido em solo italiano, o que se apresenta como uma dificuldade para as jogadoras, pois nem todas as famílias possuem ou armazenam esses documentos. Foi por meio de uma rede social que ela conseguiu o contato de uma jornalista, parente distante, que a auxiliou a encontrar seus descendentes familiares:

³⁶ A presença de futebolistas estrangeiros, homens ou mulheres, comunitários e não comunitários nas equipes Europeia, foi tema de várias controvérsias ao longo da segunda metade do século XX. Um dos marcos desse debate foi a Lei Bosman de 1995. A partir dessa sentença, que deliberou pelo direito à livre circulação dos atletas profissionais europeus dentro de toda a comunidade europeia, houve uma acentuada flexibilização também para a presença de atletas não comunitários. Maiores considerações a sentença Bosman, ver: ARAÚJO, 2002.

O meu bisavô nasceu lá em San Martino di Lupari”, ela falou, “com certeza o teu também deve ter nascido ali, porque ele não é daqui”. Então mandei essa informação para eles na Itália, os que estavam me convidando pra jogar, e eles mandaram uma carta para o padre na igreja, porque na época era na igreja que eles tinham os documentos, pedindo se tinha nascido lá um “fulano de tal”, com tal idade. Daí procuraram nos livros e responderam que sim, que era meu trisavô que tinha nascido lá, com tudo. Então conseguimos (Neckel, 2022).

Superadas as adversidades relacionadas à documentação, as primeiras futebolistas que emigraram vivenciaram episódios de preconceito por parte das colegas, principalmente pelo fato que jogadoras italianas saíram da equipe com a chegada das brasileiras (Scardicchio, 2022). E, também, perante algumas adversárias, como denunciou Neckel (2022): “porque, como eu te falei no início, a gente fazia 20, 30 gols a cada partida nelas. E levamos xingão, ‘macaco’, assim, ‘brasileira, banana, macaco’³⁷.”

Os movimentos discriminatórios diminuíram à medida que aumentou a circulação de futebolistas estrangeiras no futsal italiano. As demais entrevistadas, em linhas gerais, relataram ter tido uma boa adaptação ao cotidiano daquele país, além disso, afirmaram que foram bem recebidas, tanto pelas colegas de equipe quanto pela comunidade, pois “eles gostam muito das brasileiras aqui, né? Até porque eles têm aquela imagem de ‘ah, brasileiro joga bem, sabe jogar’, então acaba que eles se apaixonam”, diz Minuzzo (2021).

A chegada de estrangeiras alavancou a modalidade no país e gerou uma reformulação na competição, que na temporada de 2011/12 deixou de ser um campeonato regionalizado e passou a ser nacional, denominado de Série A³⁸. O novo formato de disputa influenciou as demais equipes a contratarem nossas futebolistas, “tem muitas brasileiras aqui [...], todo time tem uma ou duas brasileiras, ou até mais, como é o caso do meu time aqui, que tem cinco”, diz Minuzzo (2021). Inicialmente, na

³⁷ O termo “macaco” está relacionado à teoria racista, que até meados de 1930 inferiorizava biologicamente a raça negra em relação à branca (Mackedanz; Nunes; Rigo, 2021). Apesar de ter sido refutada pelo campo científico ainda em meados 1950 (Mackedanz; Nunes; Rigo, 2021), e atualmente, no Brasil, caracterizada como crime de racismo, essa expressão ainda costuma aparecer em jogos de futebol.

³⁸ O aumento da participação, que chegou a 40 agremiações na temporada de 2014/15, fez com que a temporada seguinte recebesse a primeira alteração: em 2015/16 a competição tem a Serie A Elite, com as 16 melhores equipes classificadas a partir do último ano, e a Serie A como uma segunda divisão (Divisione Calcio A 5, 2015). O formato segue até 2017/18, quando a competição retoma o formato original, Serie A como primeira divisão e Série A2 como segunda (Divisione Calcio A 5, 2017). Atualmente a Serie A é disputada no formato de pontos corridos, com jogos de turno e retorno, em que as melhores classificadas passam para as fases de confronto direto, estimadas por meio das colocações da fase anterior (Divisione Calcio A 5, 2022).

temporada de 2007, eram apenas seis brasileiras (Scardicchio, 2022), em 2023 são mais de 40, distribuídas em 11 das 14 equipes que compuseram a grade competitiva da temporada 2022/23 (Divisione Calcio A 5, 2023).

Como estratégia para auxiliar na familiarização das futebolistas à nova rotina, alguns times investem em aulas de italiano para as não nativas, outros, no entanto, apostam na contratação de jogadoras ou membros da comissão técnica com mesma nacionalidade, o que fortalece as redes de apoio entre as jogadoras, que geralmente dividem casas ou alojamentos e acabam sendo facilitadoras na ambientação das compatriotas. Rial (2008, p. 55) aponta que esta é uma das condições que resulta no êxito das migrações de jogadores: a “constituição de redes de companheiros”.

A consolidação dessas redes é um aspecto importante no que se refere à adaptação a um novo cenário sociocultural, uma vez que as interações sociais fazem parte de uma fase importante na consolidação da carreira esportiva de um atleta transnacional, quando se desperta o senso de pertencimento local, que abrange a participação em grupos que rompem as fronteiras nacionais do indivíduo (Agergaard; Ryba, 2014).

Nos últimos anos as estratégias para captação de futebolistas não estão mais centradas nas tradicionais peneiras, pois passaram a utilizar o garimpo de atletas em competições em distintos países por meio de olheiros, empresários e outros profissionais do meio futebolístico. Bianca Castagnaro, que atua na Itália desde 2016, foi contactada por uma agente em uma competição que disputava no sul do Brasil, e em sua entrevista relembra como foi essa abordagem: “você tem sobrenome italiano, né? [...] pelo seu sobrenome, você tem sim [...], eu não vou te cobrar nada, se caso a gente conseguir fazer sua cidadania, posso começar a te oferecer para alguns clubes europeus” (Castagnaro, 2023).

Agenciadores são conhecidos pelo recrutamento de jogadoras e, consequentemente, por oferecerem-nas a diferentes times, sendo responsáveis pelo vínculo entre a atleta e o clube, além de outras funções, como, por exemplo, a assessoria de imagem (Almeida, 2018). No caso dessa futebolista, os agentes foram responsáveis por todos os procedimentos legais de aquisição de dupla nacionalidade e migração, além das negociações diretas com a equipe Braganze.

Longe do futebol midiático, o futsal feminino não gira grandes montantes, e, a partir do momento em que tomam conhecimento de como funciona o sistema futebolístico (Rial, 2008) no circuito de futsal feminino, as jogadoras se sentem

seguras para realizar seus próprios acordos, dispensando assistências externas, como explicita Bianca Castagnaro ao falar de sua migração: “então, a primeira vez que eu vim foi a agência que me ofereceu [...], depois dali os clubes vinham diretamente falar comigo, daí a gente já entrava nessa questão de contrato” (Castagnaro, 2023).

Alguns times ainda dispõem de olheiros, como afirma Vanin: “um espanhol que trabalha pro Kick Off, [...] e meio que fazia papel de olheiro pro ex-clubes [...], assistiu a um jogo da Taça Brasil lá em Lages e comentou pro clube que tinha interesse de me levar pra lá” (Vanin, 2023). Embora pareça que o olheiro tenha se deslocado até o Brasil para acompanhar o evento, ele observou todos os jogos de forma remota, já que a competição teve transmissão on-line e gratuita. Esse tipo de recurso, que hoje é corriqueiro, além de proporcionar entretenimento, acaba viabilizando uma maior visibilidade aos atletas de esportes pouco televisionados.

As contratações também acontecem por meio de redes de contato diretas, quando alguém que já pertence à equipe, jogadora ou comissão, indica alguém próximo, como ocorreu com Minuzzo em 2012, que foi incentivada por um amigo que jogava futsal profissionalmente na liga italiana masculina, pela equipe Sinnai: “onde esse meu amigo jogava também tinha o feminino, aí ele falou [...], como uma primeira experiência, né, ‘vem pra cá, porque aí tu conheces e sabes como que é o campeonato’” (Minuzzo, 2021). O relato de Ana Sestari sobre sua migração em 2015 também se assemelha a esse processo, já que foi por meio de um amigo, jornalista, que acompanhava o campeonato italiano, que a futebolista descobriu que a janela de transferência estava aberta, e assim entrou em contato com Everaldo, treinador do Portos³⁹.

Ao migrarem para o futsal italiano muitas futebolistas projetam construir uma carreira de destaque internacional, nesse sentido um dos objetivos almejados por elas é o de fazerem parte das seleções nacionais de seu país de nascimento (Brasil), ou da seleção italiana, uma possibilidade para as futebolistas ítalo-brasileiras. A importância de representar a seleção italiana foi ressaltada pela futebolista ítalo-brasileira transnacional Gaby Vanelly, (Kick Off C5) que joga na Itália desde 2018 e

³⁹ No primeiro ano em que chegou à Itália, em 2015, a goleira Ana Sestari teve um problema na documentação referente à dupla nacionalidade e não pôde ser inscrita para jogar a Série A pelo Portos. Ao fim da temporada, transferiu-se para a equipe de Montesilvano, tendo que aguardar mais três meses para que enfim pudesse ser inscrita na competição.

em 2022 foi convocada para representar a seleção de futsal daquele país pela primeira vez. Gaby ressaltou que: “[...] foi um *mix* de sensações, de satisfação, alegria e muita emoção, onde eu queria mesmo estar. Quero carregar por anos essa camisa e representar da melhor forma possível, e farei de tudo para ganhar títulos com ela”.⁴⁰

A seleção de futsal feminino italiana, a *Azzurra*, foi, oficialmente, constituída em 2015 (FIGC, 20--) e desde a sua primeira convocação tem contato com a participação futebolistas ítalo-brasileiras. Em um levantamento feito a partir das fontes do site da Federazione Italiana Giuoco Calcio (FIGC), constatamos que de 2015 até 2023 doze ítalo-brasileiras tiveram passagem pela seleção⁴¹.

A maior parte dessas futebolistas ítalo-brasileiras tratam as convocações para a seleção italiana como um reconhecimento de seu “capital futebolístico”. Em seus depoimentos costumam ressaltar um sentido de agradecimento a oportunidade que estão recebendo em representar a seleção do país em que estão jogando (Itália). Como evidencia a declaração de Bruna Borges⁴² na entrevista concedida ao Globo Esporte de Prudente, no estado de São Paulo em 2009: “Eu só consigo agradecer. Aqui (na Itália) existe reconhecimento do futsal feminino. Me sinto importante e espero crescer cada vez mais. Quem sabe não aparece uma chance na Seleção Brasileira, na quadra”⁴³. Bruna jogava pela equipe de Montesilvano quando foi convocada pela Itália pela primeira vez, em 2015 (FIGC, 20--).

Assim como Bruna, Renata Adamatti⁴⁴ também viveu a experiência de fazer parte da Seleção Italiana e, também ressalta o sentido de agradecimento ao reconhecimento que teve de seu capital futebolístico: “[...] não foi uma escolha fácil, pois representei a vida inteira o Brasil. Sempre foi meu sonho. A Itália me acolheu e

⁴⁰ Entrevista realizada por Christopher Henrique (2022), do site Torcedores. Ver mais em: <https://www.torcedores.com/noticias/2022/06/na-italia-gaby-vanelli-celebra-primeira-partida-pela-selecao>

⁴¹ Caroline Pesenti, Joseane Pinto Dias, Eliane Dalla Vila, Bruna Borges, Neka, Gabriella Tardelli, Jéssica Marques, Juliana Bisognin, Ana Carolina Sestari, Renata Adematti, Rafa Dal'maz e Gaby Vanelli.

⁴² Em 2009 Bruna Borges foi convocada para a Seleção Brasileira de futebol de campo, na qual treinou com a base na Granja Comary, no Rio de Janeiro, mas não disputou nenhum jogo oficial, e em 2013, aos 21 anos, teve a oportunidade de migrar para o futsal italiano (TARIFA, 2013). Quando concedeu a entrevista, Bruna ainda não havia sido convocada para a seleção italiana.

⁴⁴ Renata representou o Brasil em cinco edições do Mundial Universitário (COSTA, 2020) e imigrou para a Itália em 2016. Em 2019, quando representava o Italcave Real Statte, foi convocada para a Seleção Italiana.

me deu essa oportunidade. Eu estava lá há quatro anos e me sentia representando a seleção italiana. Decidi, porque a Itália está no meu coração também”⁴⁵

Além do agradecimento, o discurso de Renata revela também um apego identitário em representar outra seleção nacional que não a de seu país de nascimento. “Decidi, porque a Itália está no meu coração também” (Adamatti, 2020). Ou seja, Renata, evidencia uma subjetividade constituída por identidades conjunturais, plurais, híbridas. Uma subjetividade, constituída de uma identidade não fixa, que é transformada e reconfigurada ao longo de nossas vidas (Hall, 2006). Identidade que, nos casos de ambas, Bruna e Renata, abarca o componente indenitário futebolístico associado a duas nacionalidades (Brasil e Itália). Uma identidade/nacionalidade de atleta transmigrante, algo comum entre alguns futebolistas homens que atuam em outros países por um longo tempo e se sentem afiliados a mais de uma nação, independentemente de suas nações de nascimento (Rigo *et al.*, 2023).

Se tomarmos como referência o ano de 2007, em que há os registros das primeiras futebolistas de futsal brasileiras a emigrar para a Itália (Scardicchio, 2022)⁴⁶, e os dados que levantamos referentes aos anos 2021, 2022 e 2023, é visível a multiplicação no número de jogadoras ítalo-brasileiras que atuam na Itália. A chegada dessas atletas transmigrantes qualificou o futsal italiano feminino, modalidade que muitas vezes era rotulada como um esporte de quem “parou de jogar campo, de quem não aguenta mais jogar campo e vai jogar futsal”, como pontua Neckel (2022).

3 A profissionalização do futsal de mulheres italiano: avanços e contradições

Acredito que quem vive disso, realmente escolhe viver, não vai escolher viver no Brasil, né? Tem que valer muito a pena” (Vanin, 2023)

No Brasil há a possibilidade de um grande número de homens ter o futebol como uma opção de carreira profissional (Marques; Marchi Júnior, 2021), mas, para as

⁴⁵ Entrevista concedida ao jornalista Eduardo Costa, do blog Pioneiro Esportes vinculado Jornal Gaúcha ZH. A matéria foi publicada no dia 10 de abril de 2020.

⁴⁶ No seu livro acerca do time Preci, o jornalista Artemio Scardicchio apresenta diversas narrativas concernentes ao futsal feminino na Itália, abrangendo depoimentos, registros de partidas, composição do plantel da própria equipe e, igualmente, das adversárias. Esse material serviu de apoio na investigação e problematização da evolução da modalidade para as mulheres ao longo dos anos bem como na compreensão da sua construção.

mulheres, essa possibilidade é bem mais restrita, tanto no futebol como no futsal⁴⁷. Souza e Martins (2018) constataram que mais de 95% das atletas que jogaram o campeonato paulista de futsal de 2015, apesar de se considerarem profissionais, não possuíam nenhum tipo de contrato ou vínculo formal de trabalho. Isso mostra que no futsal feminino paulista, um dos mais estruturado do país, sequer cumpria a legislação brasileira, a qual assinala que o esporte profissional deve estar atrelado a uma remuneração e um contrato de trabalho (Brasil, 1998).

Minuzzo, ao comentar sobre o estado do profissionalização do futsal feminino no Brasil corrobora com a crítica feita por Souza e Martins (2018), e reclama que “não tinha um contrato profissional, digamos, mas, tipo, recebia e nem lembro quantos meses agora, mas acho que 11 meses, acabava que em dezembro, janeiro... né, que era período de férias, a gente não recebia”(Minuzzo, 2021).

No cenário brasileiro, mesmo quando as futebolistas recebem alguma remuneração, isso costuma ocorrer na informalidade, segundo Castagnaro (2023): “no Brasil eu nunca tive um contrato profissional. A gente fazia muito no boca a boca’, [...] e muitas vezes por telefone”. A contratação verbal deixa as atletas em uma situação delicada, pois elas ficam na dependência da “boa fé” dos empregadores, e sempre existe o risco do não cumprimento do que foi verbalmente acordado (Haag, 2018).

Nesse cenário marcado por uma não profissionalização do futsal feminino brasileiro⁴⁸, jogar futsal na Europa passou a ser uma alternativa para algumas futebolistas que idealizam constituir uma carreira profissional, (Tedesco, 2014). Essa tendência está colocada para o caso da Itália, apesar de o futsal feminino italiano não ser uma modalidade esportiva profissionalmente regulamentada.

De acordo com Neckel (2022), “no início, nenhuma brasileira queria vir para a Itália [...], queriam ir tudo para a Espanha”. A Itália passou a figurar como uma boa opção a partir de 2011, quando o campeonato de futsal feminino italiano deixou de ser regido por comitês regionalizados e passou a ser administrado pela Divisione Calcio a 5⁴⁹. A partir desse momento o campeonato italiano tornou-se uma competição nacional concisa, formado por duas divisões principais, a Série A e a A2.

⁴⁷ Em parte isso pode ter relação com o início tardio dos campeonatos para mulheres. As primeiras competições oficiais datam 1983 para os estaduais do futsal feminino e 1992 para as competições nacionais (Sanches; Borim, 2010).

⁴⁸ Apesar de o cenário brasileiro da profissionalização do futsal feminino ainda ser bastante frágil, ele pode ser considerado o mais promissor do continente sul-americano, pois é o único país em que as futebolistas recebem alguma remuneração, mesmo que informalmente (Altmann; Reis, 2013).

⁴⁹ Atualmente, o futsal na Itália está sob a responsabilidade da Liga Nacional Amadora, que também é

A mudança na administração da modalidade possibilitou um avanço na profissionalização. A Divisione Calcio a 5 impôs uma série de normas para a disputa da competição, como a exigência de quadras fechadas. Antes os jogos poderiam ser em “campos sintético e aberto [...]”. Para eles o futsal era isso, e ainda tem muita gente que pensa que o futsal é isso”, aponta Neckel (2022).

Ainda segundo a futebolista, a reformulação da competição e a chegada das brasileiras foram dois fatores que impulsionaram o futsal no país, “então o processo foi assim: quando alguns times começaram a ver que as brasileiras são melhores, diziam: ‘eu também quero uma, eu também quero uma’. E assim foi que o futsal explodiu aqui na Itália” (Neckel, 2022).

Essa busca pelas melhores futebolistas deu-se em paralelo a algumas exigências que foram estabelecidas pela Federação Italiana de Futsal, que incidiram na relação contratual estabelecida entre atleta e equipe/clube. Uma dessas exigências, presente no regulamento da Série A Feminina, estabeleceu que todas as equipes passariam a ser obrigadas a protocolar na Federação Italiana o contrato estabelecido com cada atleta:

De acordo com o art. 94, existe a obrigação de arquivar o acordo econômico para os jogadores dos Clubes dos Campeonatos Nacionais da Série A, Série A2 e Elite Feminina. Fica entendido que os Clubes Femininos Série B e Série A (1º e 2º escalão) podem estipular e depositar acordos econômicos. Os acordos econômicos dos jogadores devem ser protocolados na Divisão de Futsal pelos Clubes, em até 30 dias após a sua assinatura (Divisione Calcio a 5, 2023)

No contrato estabelecido consta o salário mensal e o tempo de filiação entre atleta e clube, que geralmente costuma ser de 10 a 12 meses. Essa medida tornou-se um atrativo trabalhista para as futebolistas brasileiras e de outros países, acostumadas a terem somente acordos informais. A existência de um contrato protocolado na Federação representa uma maior segurança trabalhista para as futebolistas: “[...] a gente tem um contrato que vai depositado na Federação, [...] caso der algum problema tu acionas a Federação e aí o clube é obrigado a te pagar” (Minuzzo, 2021).

Apesar da exigência de um contrato protocolado na Federação, os acordos informais continuam existindo: “se eu pedir a luz paga, eles não colocam direto nesse contrato que vai para a Federação, aí é um contrato meio que verbal pra gente colocar

a entidade responsável pela Série D de futebol, pelo futebol de areia e pelos campeonatos regionais da modalidade masculina e feminina (Divisione Calcio A 5, 2023).

esse ‘algo a mais’”, exemplificou Vanin (2023). O “algo a mais” possui certa tradição no processo de profissionalização esportiva e costuma ser utilizado para auxiliar atletas que não possuem uma alta remuneração (Souza; Martins, 2018).

Similar ao processo de remuneração e profissionalização que se instituiu no futebol de homens⁵⁰, também há, no futsal italiano de mulheres, a prática de acordar a possibilidade de prêmios extras por conquistas. Castagnaro (2023) relata: “aí você fala, tá, eu quero esse x, mas quero *tanto* se eu ganhar o scudetto italiano, *tanto* se eu ganhar a Coppa Italia e mais *tanto* uma outra coisa”.

Entre as exigências contratuais há uma cláusula, bastante singular, referente à idade das atletas, que favorece mais a equipe/o clube do que as futebolistas. Tal cláusula estipula que, no caso de a jogadora que assinar um contrato com uma equipe que disputa a Série A possuir menos de 25 anos, ela ficará vinculada a essa equipe até completar essa idade (25 anos), “é como se tu virasses adulta a partir dos seus 25 anos e aí tem o direito de escolher para onde vai”, comenta Vanin (2023)⁵¹.

Outra peculiaridade presente nas exigências contratuais estipulada pela Federação Italiana que é favorável às equipes em detrimento às atletas é a cláusula que trata dos casos de falência daquelas, estabelecendo que, em casos de decretar falência, uma equipe que disputa a Série A fica eximida de cumprir as obrigações contratuais que estabeleceu com suas atletas. Nesse caso, como afirma Castagnaro (2023), se ocorrer a falência quem perde é a futebolista: “aí você perdeu, porque falência é falência, né?”.

Lediane Marcolan, conhecida como Tampa, que integrou a seleção brasileira em várias ocasiões, passou por uma situação na Itália em que o seu time declarou falência quando ela defendeu a equipe da Pescara na temporada de 2017/18. Segundo Manhago (2022), dos 10 meses em que atou pelo Pescara, Tampa recebeu apenas em quatro.

Neckel (2022) relatou certo descaso que há por parte das autoridades esportivas italianas com o futsal feminino, inclusive o não cumprimento de acordos estabelecidos entre equipe e atletas, que afetam e prejudicam diretamente as

⁵⁰ No futebol brasileiro essa prática ficou conhecida como “bicho”, por sua associação com o jogo do bicho, e remonta à época em que o profissionalismo era proibido. Maiores considerações, ver: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

⁵¹ Essa regra se refere ao artigo 32 da Norma de Organização Interna da *Federazione Italiana de Giuoco Calcio* (FIGC), e a restrição só se aplica a equipes que disputem o campeonato de futsal feminino italiano (FIGC, 20--).

futebolistas: “a gente já ganhou mais de uma vez e ganha zero. Zero de dinheiro. Então não tem como se manter”. (Neckel, 2022).

Situações como essas evidenciam as contradições e a fragilidade de uma não profissionalização do futsal italiano. Uma realidade que é motivo de preocupação compartilhada entre as futebolistas brasileiras que optaram por sair de seu país e imigrar para esse futebol. Uma preocupação que remete ao pós-carreira dessas atletas, como aponta Sestari (2022):

A gente sabe que a carreira é curta, é uma carreira que se tu não constróis nada ou não tem nada guardado, [...] não temos carteira assinada, não temos nada. Temos contrato depositado na Federação, mas nada que você conte como aposentadoria, então, para a minha vida, vou trabalhar até meus 85 anos.

Todavia, apesar de o futsal feminino italiano não portar um estado de esporte profissional e das dificuldades que as futebolistas que nele atuam encontram para construir uma carreira, as cinco futebolistas que entrevistamos avaliam que ele é uma oportunidade mais promissora do que futsal brasileiro e também de outros países, principalmente, pela possibilidade de um maior retorno financeiro, como evidenciam as narrativas de Ana Sestari (2022) – “se eu pensar financeiramente é aqui, não existe outro país que pague como aqui” e Débora Vanin (2023). – “a Itália compensa mais pela questão financeira”.

4 Considerações finais

O futsal feminino brasileiro encontra-se em um estado em que predominam competições não regulares e clubes ou equipes com pouca longevidade, uma realidade em que há poucas possibilidades para as futebolistas conseguirem construir uma carreira profissional. Desse modo, emigrar para um país que apresente maiores condições que o Brasil é considerado uma oportunidade ímpar para quem almeja tornar-se uma futebolista profissional de futsal. Nesse processo, a Itália tem se colocado entre um dos países mais almejados por muitas futebolistas do futsal brasileiro⁵².

Este estudo evidenciou que, apesar de a Série A italiana (objeto que foi o foco desta pesquisa) ser uma competição emergente, sua primeira edição ocorreu somente

em 2011⁵³, atualmente ela pode ser considerada uma das ligas de futsal feminino mais procuradas pelas futebolistas brasileiras, como mostrou nossa pesquisa, no ano de 2022 este número chegou a 40 brasileiras, essas futebolistas estavam distribuídas em 11 das 14 equipes que disputaram a competição. Entre os fatores que mais contribuíram para o futsal italiano tornar-se esse lugar desejado pelas futebolistas brasileiras está a possibilidade de uma melhor remuneração financeira, conforme declaração da maioria das nossas entrevistadas ⁵⁴.

A exigência feita pela Federação Italiana que estabelece a obrigatoriedade de todas equipes da Série A protocolarem junto à *Divisione Calcio a 5* os devidos contratos que cada equipe estabelece com todas as suas jogadoras também foi apontada pelas entrevistadas como um avanço na direção de uma maior garantia trabalhista para as futebolistas, pois, na maioria dos países, quando há algum acordo referente à relação entre equipe e atletas, geralmente este é feito apenas verbalmente, sem uma garantia legal.

Entretanto, apesar de apresentar alguns avanços quando comparado ao de outros países, como o Brasil, o futsal italiano de mulheres está longe de ser uma realidade em que as futebolistas recebam altos salários, pelo contrário: ele continua sendo tratado como uma modalidade esportiva não profissional. Essa condição não contribui para que as jogadoras consigam construir carreiras estáveis sem terem uma preocupação constante com o pós-carreira. Apesar dessas fragilidades profissionais do futsal feminino italiano, uma conclusão compartilhada por todas nossas entrevistadas, foi a de que, apesar das dificuldades, a possibilidade de se transferirem para o futsal italiano representou uma oportunidade singular para seus projetos de carreiras e significou nova fase em suas trajetórias esportivas.

O primeiro contingente de jogadoras brasileiras que migrou para a Itália, em 2007, defrontou-se com uma série de obstáculos. Além de se defrontarem com preconceito e discriminação racial. As futebolistas enfrentaram dificuldades que iam da burocracia e exigências documentais até a adaptação ao idioma. Essas jogadoras experienciaram um ponto de inflexão no cenário do campeonato italiano e desempenharam um papel crucial em seu avanço.

⁵³ No Brasil as competições estaduais são da década de 1980 e as nacionais tiveram início a partir de 1990.

Para uma compreensão mais detalhada e aprofundada acerca da presença das jogadoras brasileiras no cenário do futsal feminino italiano, fazem-se necessárias outras pesquisas, inclusive estudo que incluam também as futebolistas da Série A2. Divisão que incorpora um contingente substancial de participantes, abarcando aproximadamente 48 equipes.⁵⁵

Essa pesquisa possibilitou-nos termos uma melhor compreensão de algumas questões que constituem o futsal italiano feminino, principalmente questões relacionadas ao profissionalismo dessa modalidade esportiva e as possibilidades de carreira para as futebolistas. A pesquisa também assinalou levantou a existência de alguns temas que merecem serem objetos de outros estudos, como é o caso, por exemplo, do fenômeno da dupla cidadania e da procura por outra nacionalidade, entre as futebolistas que atuam no futsal italiano.

Além de pesquisas que tratam com maior dedicação questões do futsal feminino italiano, também nos parece relevante estudos que tratam do futsal feminino em outros países, como é o caso, por exemplo da Espanha. O futsal feminino espanhol tem sido um polo de referência que recebe futebolistas transacionais desde a década de 1990⁵⁶. Similar ao italiano ele também oferece algumas possibilidades de carreiras para as futebolista, principalmente, pelas oportunizar melhores recompensas financeiras do que outros países (Ávila, 2022). Ao acompanhar a trajetória de algumas futebolistas em suas redes sociais, identificamos que além de Itália e Espanha, Rússia e Portugal também vem se configurando como países receptores de futebolistas transnacionais, porém em menor contingente⁵⁷.

⁵⁵ Número de equipes encontrado a partir do levantamento feito naa Divisione Calcio a 5 de 2023. link: <https://www.divisionecalcioa5.it/competizioni>

⁵⁶ A questão profissional da modalidade para as mulheres também é um assunto sensível no país, visto que não são todos os times que cumprem os acordos salariais com as atletas, e em alguns casos essas jogadoras passam por dificuldades socioeconômicas, agravadas pela distância de seu país de origem (Vecchioli, 2023)

⁵⁷ Em Portugal, por exemplo, podemos citar o time de Santa Luzia, com as quatro brasileiras Dinha, Pholyana Popo, Angélia Silva e Natasha Vieira disputando a primeira divisão da Liga Placard, principal divisão do futsal feminino no país. Pelo Campeonato Russo temos as brasileiras Fernanda de Paula Silva e Susane Reis, ambas pela equipe Normanochka. O Brasil também se destaca ao empreender a aquisição de atletas do exterior, com ênfase na região sul-americana. Um ilustrativo é a equipe Celemaster Uruguaianense, sediada no estado do Rio Grande do Sul, que recentemente incorporou ao grupo jogadoras argentinas e venezuelanas.

Referências

AGERGAARD, S.; RYBA, T. V. Migration and career transitions in professional sports: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. **Sociology of sport journal**, v. 31, n. 2, p. 228-247, 2014.

ÀLCAZAR, A. Fabiana y Raquel: la Liga baila con ritmo de samba. **Diario AS**, 24 dez. 2005. Disponível em: https://as.com/masdeporte/2005/12/24/polideportivo/1135465495_850215.html. Acesso em: 6 jun. 2023.

ALMEIDA, C. S. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ALTMANN, H.; REIS, H. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, p. 211-232, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/35077>. Acesso em: 11 maio 2022.

ARAÚJO, S. G. Fútbol y Migraciones: La Sentencia Bosman en el proceso de construcción de la Europa comunitaria (crónicas desde España). **Migraciones Internacionales**, México, v. 1, n. 3, p. 55-78, jul./dic. 2002. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=15101303>. Acesso em: 13 ago. 2011.

ÁVILA, C. C. Porque a Espanha é um oásis para jogadoras brasileiras de futsal. **TAB Uol**, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/01/13/por-que-a-espanha-e-um-oasis-para-jogadoras-brasileiras-de-futsal.htm>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BARLEM, C. Marcia Tafarel assume como primeira técnica da seleção feminina de futsal dos EUA. **Dona do campinho**, Rio de Janeiro, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2023/03/09/marcia-tafarel-assume-como-primeira-tecnica-da-selecao-feminina-de-futsal-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF: 1998.

BRAIS, R. Hoje é o dia do esporte praticado por muitos atletas. **Secretaria Especial do Esporte**, 8 nov. 2016. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ver-todos/212-noticias/noticias-snfut#:~:text=Hoje%20%C3%A9%20o%20dia%20%22D,esporte%20praticado%20por%20muitos%20atletas>. Acesso em: 6 maio 2023

COSTA, E. Atleta caxiense viu grande temporada no futsal italiano ser paralisada pelo coronavírus. **Pioneiro esportes**, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/esportes/noticia/2020/04/atleta-caxiense-viu-grande-temporada-no-futsal-italiano-ser-paralisada-pelo-coronavirus-12319143.html>. Acesso em: 6 maio 2023.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005).

DILASCIO, F. FIFA anuncia a criação do Mundial de Futsal Feminino. **Globo Esporte**, Mundo do Futsal, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futsal/blogs/mundo-do-futsal/post/2022/12/16/fifa-anuncia-a-criacao-do-mundial-de-futsal-feminino.ghml>. Acesso em: 7 maio 2023.

DIVISIONE CALCIO A 5. **Competizioni**. Etapa 2013, 26 dez. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160520154912/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2012-2013/304/0/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DIVISIONE CALCIO A 5. **Competizioni**. Etapa 2015, 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160325021324/http://www.divisionecalcioa5.it/Competizioni/2014-2015/304/0/0>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DIVISIONE CALCIO A 5. **Competizioni**. Etapa 2017, 2017. Disponível em: <https://archivio2.divisionecalcioa5.it/competizioni/14/girone-a/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DIVISIONE CALCIO A5. **Competizioni**. Etapa 2022/2023. 17 jun. 2023. Disponível em: <https://www.divisionecalcioa5.it/competizioni>. Acesso em: 1º jul. 2023.

FEDERAZIONE ITALIANA GIUCCO CALCIO (FIGC). News, 20---. Disponível em: <https://www.figc.it/it/nazionali/news/?c=4176&p=1>. Acesso em: 5 maio 2023

FERREIRA, V. S. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 23, p. 979-992, 2014.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HAAG, Fernanda Ribeiro. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 142-160, 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUE, C. Na Itália, Gaby Vanelli celebra primeira partida pela seleção: “Onde eu queria mesmo estar”. **Torcedores.com**, 24 jun. 2022. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2022/06/na-italia-gaby-vanelli-celebra-primeira-partida-pela-selecao>. Acesso em: 6 jun. 2023.

JOGADORAS lançam movimento e reivindicam Mundial de futsal da Fifa. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 02 nov. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futsal/noticia/2022/11/02/jogadoras-formam-sindicato-e-reivindicam-mundial-de-futsal-da-fifa.ghml>. Acesso em: 10 maio 2023

MACKEDANZ, C. F.; NUNES, G. H. L.; RIGO, L. C. “Nego’ era ‘barato’ perto do que eles diziam”: Memórias de discriminação de ex-futebolistas negros que atuaram no interior do Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XX. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 76, p. 324-350, 2023.

Marques, R. F. R., & Júnior, W. M. Migration for Work: Brazilian Futsal Players’ Labor Conditions and Disposition for Mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, 45(3), 272–299, 2021. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0193723520928592?casa_token=PC9Ab2PGSxsAAAAA%3AIMOnIJw4VehbMKCN_ehlqdWhSY3Zc8xG6Zyb8l-wwKSYou0FU0XoAff47RjDMXuVqRSYXk-mEA39Hw. Acesso em: 5 jun. 2023
MAGUIRE, J. Preliminary observations on globalisation and the migration of sport labour. **The Sociological Review**, v. 42, n. 3, p. 452-480, 1994. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-954X.1994.tb00097.x>. Acesso em: 6 mar. 2023.

MANHAGO, G. Destaque no futsal italiano, gaúcha abre nova temporada. **GZH Esportes**, 19 set. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2022/09/destaque-no-futsal-italiano-gaucha-abre-nova-temporada-cl83n8uuz0054016ej0w144jo.html>. Acesso em: 31 jul. 2023.

MONTENEGRO, A. T. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NOLASCO, C. Atletas em movimento: abordagem teórica às migrações de trabalho desportivo. **Motricidades**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 52-64, 2017.

PESSOA, A.; SCACIOTTI, B. Nova dinâmica em um esporte consolidado. **AGENT**, São Paulo, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://agent.pucsp.br/noticias/nova-dinamica-em-um-esporte-consolidado>. Acesso em: 9 maio 2023.

PISANI, M. S. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 14, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1621>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Vozes, 2010.

RESSTEL, C. C. F. P. Fenômeno migratório. In: RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico nos filhos de dekassegus no retorno ao Brasil**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, p. 35-52

RIAL, C. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém. **Disparidades**, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v. 14, p. 21-65, 2008.

RIGO, L. C.; BRUM, M. S.; MACKEDANZ, C. F.; VIDINHA, D. Nascer em um País e Jogar por Outro: Naturalização e Dupla Nacionalidade Nas Copas do Mundo de 2014 e 2018. In: DOS SANTOS, M. G.; RIGO, L. C.; KREIDER, R. B. **Ciências Sociais e Futebol**. Brasil: Amazon, 2023. p. 225-249. E-book Kindle.

RIGO, L. C.; GUIDOTTI, F.; THEIL, L.; AMARAL, M. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Brasília v. 29, n. 3, maio 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/217>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SANCHES, V. C.; BORIM, J. M. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. **EFDEPORTES**, Buenos Aires. Ano, v. 15, 2010.

SANZ, R. Copa do Mundo Feminina: por que os salários delas são menores que os dos jogadores?. **Revista Fórum**, 25 maio 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/esporte/2023/5/25/copa-do-mundo-feminina-por-que-os-salarios-delas-so-menores-que-os-dos-jogadores-136563.html>. Acesso em: 30 maio 2023.

SCARDICCHIO, A. **Preci: Il miracolo sportivo che cambiò il futsal femminile**. Polônia: Amazon Fulfillment, 2022. E-book Kindle.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a prática**, v. 21, n. 1, 2018.

TARIFA, M. Com superação, jogadora de futsal de Primavera se destaca e brilha na Itália. **GE Prudente e região**, Rosana, São Paulo, 16 dez. 2013. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2013/12/com-superacao-jogadora-de-futsal-de-primavera-se-destaca-e-brilha-na-italia.html>. Acesso em: 3 jul. 2023.

TEDESCO, J. C. "Exportação de pés". Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais. **Campos-Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 57-74, 2014.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VECCHIOLI, D. Goleira brasileira passou fome e dependeu de doações para comer na Espanha. **Uol**, 06 ago. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2023/08/06/goleira-brasileira-passou-fome-e-dependeu-de-doacoes-para-comer-na-espanha.htm>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ZANINI, M. C. C.; ASSIS, G. O.; BENEDUZI, L. F. Ítalo-Brasileiros na Itália no século XXI: "retorno" à terra dos antepassados, impasses e expectativas. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, p. 139-162, 2013.

MINUZZO, Luciléia Renner. Entrevista I. [dez. 2021]. Entrevista concedida a Mariana da Silva Brum. *Online*. 1 arquivo .mp3 (50 min).

SESTARI, Ana Carolina. Entrevista II [jan. 2022]. Entrevista concedida a Mariana da Silva Brum. *Online*. 1 arquivo .mp3 (110 min).

NECKEL, Jociane Mello de. Entrevista III [dez. 2022]. Entrevista concedida a Mariana da Silva Brum. *Online*. 1 arquivo .mp3 (140 min.)

CASTAGNARO, Bianca. Entrevista IV. [fev. 2023]. Entrevista concedida a Mariana da Silva Brum. *Online*. 1 arquivo .mp3 (60min.).

VANIN, Débora. Entrevista V. [fev. 2023]. Entrevista concedida a Mariana da Silva Brum. *Online*. 1 arquivo .mp3 (50 min.)